



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

JEOVANE DOS SANTOS SAMPAIO

**BATENTE, BOTEÇO E RELIGIÃO: UM ENSAIO ETNOGRÁFICO COM GAYS,
TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO BAIRRO ASA BRANCA**

BOA VISTA, RR.

2019

JEOVANE DOS SANTOS SAMPAIO

**BATENTE, BOTEÇO E RELIGIÃO: UM ENSAIO ETNOGRÁFICO COM GAYS,
TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO BAIRRO ASA BRANCA**

Trabalho apresentado como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Antropologia Social pelo programa de pós-graduação em Antropologia Social – PPGANTS, da Universidade Federal de Roraima.

Linha 1: Processos Identitários e Direitos Diferenciados.

Orientador: Prof.Dr. José Carlos Franco De Lima

BOA VISTA, RR

2019

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

S192b Sampaio, Jeovane dos Santos.
Batente, boteco e religião: um ensaio etnográfico com gays, travestis e transexuais no bairro Asa Branca / Jeovane dos Santos Sampaio. – Boa Vista, 2019.
83 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Franco de Lima.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

1 – Antropologia urbana. 2 – Ensaio etnográfico. 3 – Umbanda. 4 – Bar. 5 – Travestis e Transexuais. I – Título. II – Lima, José Carlos Franco de (orientador).

CDU – 39(811.4)

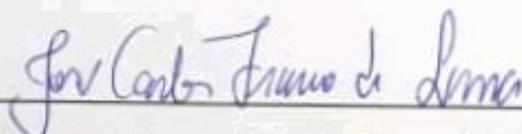
JEOVANE DOS SANTOS SAMPAIO

**BATENTE, BOTECO E RELIGIÃO: UM ENSAIO ETNOGRÁFICO COM GAYS,
TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO BAIRRO ASA BRANCA**

Trabalho apresentado como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Antropologia Social pelo programa de pós-graduação em Antropologia Social – PPGANTS, da Universidade Federal de Roraima.

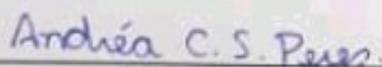
Linha 1: Processos Identitários e Direitos Diferenciados.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Franco de Lima



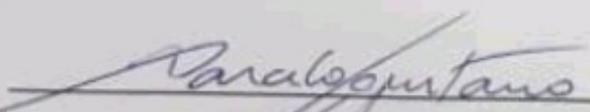
Prof. Dr. José Carlos Franco De Lima

Presidente da banca examinadora



Profª Drª Andréa Carolina Schvartz Peres

Membro da banca examinadora



Prof. Dr. Marcelo Naputano

Membro da banca examinador

Dissertação defendida em 30 de Setembro de 2019

AGRADECIMENTOS

O êxito desse ensaio é resultado de várias colaborações, inicialmente de alguns professores e colegas de turma que ao longo dessa jornada proporcionaram grandes emancipações ideológicas e políticas por intermédio da Antropologia.

Dos imprescindíveis sujeitos pesquisados, que abriram as portas de suas vidas para contar suas histórias e ajudar no desenvolvimento deste trabalho que se segue.

Em especial, ao Cláudio, líder do templo de Umbanda “São Jorge”, que com sua devida autorização permitiu acesso a outras pessoas como o Manoel, Igor e Raylan que direta ou indiretamente contribuíram para as contextualizações realizadas, no que concernem a sua configuração.

A Sabrina, que foi a porta de entrada, a mim, para o “mundo da prostituição” que se submetem Travestis e Transexuais venezuelanas no perímetro do bairro Asa Branca, e posteriormente, a Alexandra que ajudou a aprofundar mais sobre a sua rotina e de outras *meninas* que ali trabalham.

Ao meu orientador que me deu o apoio necessário em momentos turbulentos ultrapassados nessas vivências, familiares e amigos. Bem como a Prefeitura Municipal de Boa Vista, na pessoa da diretora escolar Wera e do vice-diretor Sueliton que me possibilitaram em várias ocasiões do mestrado conciliar o curso com a tão complicada carga horária de quarentas horas semanais a ser cumprida por mim, a época.

A todos, a minha gratidão.

*Tenho morrido muitas vezes.
Depois, respiro fundo, lavo o rosto, sigo em
frente. Não é fácil morrer, difícil é renascer,
fingir-se de sol, cegar a lua, beber o mar.
Detestável seria ter a covardia dos que me
mataram. Eu sigo renascendo, eles seguem
covardes.*

(Pedro Munhoz)

RESUMO

Esse ensaio é resultado de uma etnografia das vivências em três configurações sociais localizadas no perímetro urbano do bairro Asa Branca, situado na zona oeste da cidade de Boa Vista/RR, a saber: o Templo de Umbanda “São Jorge”, a Distribuidora “Ponto do Gole” e a zona de prostituição de Travestis e Transexuais venezuelanas, formando assim, em ordem alfabética, o *Batente*, *Boteco* e *Religião*, a que faz referência o título deste trabalho. Durante as vivências de campo foi percebida a proeminência de Gays, Travestis e Transexuais nos três lugares etnografados. Este estudo apresenta inicialmente apontamentos sobre a metodologia desenvolvida durante a pesquisa e uma breve descrição do bairro Asa Branca. Em seguida segue as etnografias das vivências no Templo de Umbanda São Jorge, na Distribuidora Ponto do Gole e na zona de prostituição das profissionais do sexo Travestis/Transexuais.

Palavras Chaves: Antropologia urbana; Ensaio etnográfico; Umbanda; Bar; Travestis e Transexuais;

RESUMEN

Este ensayo es el resultado de una etnografía de las experiencias en tres configuraciones sociales ubicadas en el perímetro urbano del barrio de Asa Branca, ubicado en el oeste de la ciudad de Boa Vista / RR, a saber: el Templo "São Jorge" Umbanda, el "Ponto do Gole" y la zona de prostitución de Travestis y Transexuales venezolanos, formando así, en orden alfabético, Batente, Boteco y Religión, a los que se refiere el título de este trabajo. Durante las experiencias de campo se notó la importancia de los Gays, Travestis y Transexuales en los tres lugares etnográficos. Este estudio presenta inicialmente notas sobre la metodología desarrollada durante la investigación y una breve descripción del barrio de Asa Branca. A continuación se presentan las etnografías de las experiencias en el Templo de Umbanda São Jorge, la Distribuidora Ponto do Gole y la zona de prostitución de las trabajadoras sexuales Travestis / Transexuales.

Contraseñas: Antropología urbana; Ensayo etnográfico; Umbanda; Bar; Travestis y Transexuales;

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Mapa do bairro Asa Branca	18
FIGURA 2 - A cigana menina.....	29
FIGURA 3 - A distribuidora Ponto do Gole.....	44

LISTA DE SIGLAS

SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
LGBTQI+	Lésbica, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros, Queer, Intersexuais, + (engloba as outras siglas).
ATERR	Associação de Transexuais e Travestis de Roraima.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
3. O BAIRRO ASA BRANCA.....	18
4. O TEMPLO DE UMBANDA “SÃO JORGE”	23
4.1 A FESTA DA POMBA GIRA “MARIA DA PRAIA”	24
4.2 A REABERTURA DOS TRABALHOS APÓS A QUARESMA	34
4.3 A HOMOSSEXUALIDADE NA UMBANDA.....	38
5. A DISTRIBUIDORA PONTO DO GOLE	44
5.1 O ENCONTRO COM SABRINA	44
5.2 A DISTRIBUIDORA PONTO DO GOLE: O REGRESSO	48
6. OS PONTOS DE PROSTITUIÇÃO DE TRAVESTIS/TRANSEXUAIS NO BAIRRO ASA BRANCA	55
6.1 A PRIMEIRA ENTRADA COM SABRINA.....	55
6.2 O RETORNO COM ALEXANDRA.....	60
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	78
ANEXOS	82

1. INTRODUÇÃO

Atualmente dentro do contexto urbano são presenciadas várias configurações de sociabilidades nas relações entre os mais variados segmentos e sujeitos que vivem em um determinado perímetro de uma cidade. Cada uma delas, a sua maneira, apresenta suas particularidades e os fatores que as delineiam.

Neste trabalho me empenho em mostrar como estas configurações de sociabilidade estão circunscritas e se apresentam em três lugares do perímetro urbano do bairro Asa Branca, localizado na zona oeste da cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima.

A escolha por essa localidade se deu, entre outros motivos, a um trabalho de conclusão de graduação em Ciências Sociais já desenvolvido por mim neste bairro, e, por acreditar que reviver a experiência no viés antropológico proporcionaria outros panoramas e visões sobre esse lugar.

Geograficamente, o perímetro do bairro Asa Branca está localizado entre a Avenida General Ataíde Teive, Avenida dos Imigrantes, Avenida São Sebastião e Rua José Francisco. Nele há duas grandes feiras, um grande centro comercial, bancos, centros profissionalizantes, escolas municipais, estaduais, igrejas evangélicas e católicas, centros espíritas, um templo de Umbanda e outro de Candomblé, praças, entre outros.

A constituição do bairro Asa Branca está imersa em uma consonância de fatores, a saber: migrações na década de 80, falência dos assentamentos rurais e políticas assistencialistas.

No campo de pesquisa a etnografia se focou em três lugares: o templo de Umbanda São Jorge, a Distribuidora “Ponto do Gole” e os pontos de atividades sexuais noturnas de Transexuais e Travestis, que conjuntamente proporcionaram um desenho bem interessante para se *debruçar*.

Posto que, *O batente, o boteco e a religião* possuem ligações e conversam entre si na dinâmica dessa localidade, mesmo cada uma estando circunstanciada em suas peculiaridades, encontrando na questão de gênero um ponto em comum. No caso do templo de Umbanda há uma forte presença de Gays que enfrentam um duplo preconceito: da opção religiosa e da condição sexual.

O que se assemelha ao outro lado das dificuldades, preconceitos e perigos do exercício das atividades sexuais em horas avançadas no bairro, realizadas por

Transexuais e Travestis venezuelanas. O boteco se apresenta como ponto de encontro para parte desses sujeitos.

Optei por entender tais sociabilidades por intermédio de uma *etnografia das vivências* que se fundamenta no encontro com o outro. Onde se investiga, se registra e se reflete sobre o contexto estando imerso nele.

O que acarreta se colocar à disposição de compreender o outro adiante de meras palavras: “é olhar, é tocar, é observar, é interagir, é expor-se, é estar no aqui e agora. O direito ao bem estar, sendo a construção de vínculos afetivos e de espaços de diálogo fundamentais nessa perspectiva de etnografia das vivências” (LIMA, 2019, p. 3). Essa experiência se torna uma prática crítica e política de uma “reflexão emancipadora” oriunda do par teoria/prática, como afirma Bondía (2002). No curso dessas vivências trago para o centro da discussão as problematizações suscitadas por Simmel (2006) para contextualizar as relações de sociabilidades desses sujeitos nas conjunturas sociais por eles vividas.

Este ensaio foi dividido em dois momentos: o primeiro pensado como uma espécie de uma “etnografia à deriva” no bairro, em que se vivenciou as mais variadas experiências etnográficas nos lugares de maior concentração de pessoas no Asa Branca e, ao mesmo tempo, se buscou-se indicadores sociais das condições de vida dos moradores. O segundo momento, após a banca de qualificação, optou-se por dar a pesquisa um cunho exclusivamente etnográfico.

Testifico neste ensaio um acervo de vivências em todos esses lugares e processos sociais. Tal postulado de um ensaio etnográfico com um método de investigação despreocupado em definir, inicialmente, sujeitos específicos de estudo, surge do pressuposto de que vivenciar as conjunturas no campo de pesquisa sem pré-noções e ideias iniciais possibilita um entendimento melhor do que de fato há de mais latente e/ou acentuado nas relações dos moradores desse local.

Nesse segundo momento do estudo partindo, agora, não mais da ideia de espaços de fluxos, mas sim do conceito de lugar, uma vez que “espaço se torna lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para pessoa, lugar é mais concreto que espaço” (STANISKI e col. 2014 apud TUAN, 1983, p.19), o que a meu ver mais condiz com o que foi vivenciado em campo.

Para o fazer antropológico é de suma relevância trazer a luz do debate prerrogativas desses sujeitos marginalizados socialmente, nesse caso em

específico, por sua opção religiosa, condição sexual, da utilização do corpo para o trabalho sexual, bem como do funcionamento de suas redes de sociabilidade do seu lugar de fala para que possa ser conferida uma significabilidade a vida e as suas posições dentro das conjunções sociais nas quais se inserem, interpretando-os pela sua perspectiva e das relações sociais que o cercam.

E pensando nisso, dou ênfase ao descrever sobre os Gays, Travestis e Transexuais nesse estudo sempre com a primeira letra maiúscula como forma de destacá-los entre as discussões desenvolvidas.

Ressalto que o maior objetivo deste ensaio é promover uma reflexão sobre as configurações de sociabilidades, significabilidades e ramificações engrenadas por elas aos sujeitos investigados em seus lugares de atuação, onde minhas vivências guiarão você, caro leitor, nessa viagem.

2. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Adentrar ao trabalho de campo em um contexto de um bairro popular, através de um *sentir* antropológico, permite conhecer várias facetas e circunstâncias antes despercebidas que se inserem na localidade, seja por questões sociais ou afetivas.

Avançar do trabalho de conclusão de curso realizado na graduação sobre o bairro Asa Branca (Boa Vista/RR), saindo do sociológico/historiográfico para o etnográfico a ser construído por intermédio de vivências, foi um dos grandes desafios aqui enfrentados.

Transcrever para esse emaranhado de palavras e verdades parciais de forma clara, objetiva e sensível as interpretações obtidas por meio de vivências etnográficas é outro grande desafio, se não o maior a ser perseguido.

E a antropologia tem corroborado grandemente para tal intento, onde se pode consolidar, segundo Clifford (2002), através da etnografia, a capacidade de traduzir as experiências em texto. Esse viés interpretativista surge no começo do encontro com o outro e através desse diálogo, verdades concretas não devem se estabelecer, senão interpretações parciais.

O aporte etnográfico é detentor de uma produção de sentidos. A descrição densa e a observação participante que classifica o olhar, o ouvir e o escrever são procedimentos essenciais na elaboração do saber antropológico (OLIVEIRA, 1995).

As *narrativas* para restaurar histórias e memórias, compreendendo o tempo em “uma série de rupturas que comporta diferentes espessuras; não sendo contínuo e achatado, e sim “cheio de nós” (BACHELARD 1988, p. 62, apud MARQUES, 2006, p.104).

A etnografia baseada na *ação* participante se investiga, se registra e se reflete o outro estando imerso nas relações sociais do campo de pesquisa; se olha, se toca, se observa e interage estando no aqui e agora, esses são elementos constitutivos de uma etnografia de vivências (LIMA, 2019).

Foi utilizado um estilo literário tipo crônica, explorando as possibilidades de escancarar as riquezas do cotidiano que muitas vezes se encontra nos detalhes. É uma tentativa para que as interpretações aqui desenvolvidas possam romper fronteiras para além do campo acadêmico, com uma mensagem rica e de fácil entendimento.

Tomei como um dos eixos de estudo o interpretativismo, de James Clifford, em que o polifônico guia o modo de desenvolver a pesquisa de campo, desta maneira os sujeitos obtiveram o destaque para serem os porta-vozes de suas histórias e experiências.

Inicialmente havia uma possibilidade de desenvolver a pesquisa de campo apenas na primeira parte desse estudo, fazendo uma ponte com outras abordagens, como por exemplo: a problemática de condições de vida, apesar de ser uma temática mais reservada à sociologia, se via com bons olhos juntar as duas áreas do conhecimento em uma análise sobre um mesmo contexto urbano.

Entretanto, o curso das vivências de campo seguiu seu próprio caminho. Optar por não definir um objeto exato para se estudar pode ser aparentemente uma tarefa árdua a ser desempenhada, mas por já ter morado muito anos no bairro e ainda nos dias atuais acessar sua infraestrutura não foi muito complexo na prática.

Foram observadas praças, escolas, centros espíritas, bares, zona de prostituição, etc. Assim sendo, três locais se tornaram muito aguçantes e propiciaram um relevante material a se aprofundar: o Templo de Umbanda “São Jorge”, a Distribuidora “Ponto do Gole”, e a zona de prostituição de Travestis/Transexuais.

Destes lugares apenas um não era de livre acesso para mim: a rotina das Travestis e Transexuais venezuelanas que trabalham nos pontos de prostituição em uma área inicial do Asa Branca, próximo ao bairro Caimbé, posto que, é um acontecimento novo dentro de sua espacialidade e as *meninas* que nela atuam não são brasileiras.

O Templo de Umbanda São Jorge já é um lugar bastante frequentado por mim em muitos anos, salvo engano, a primeira vez que o visitei foi em meados de 2011. Por conhecer o líder da casa e grande parte de seus membros, ficou mais fácil o acesso e a autorização para realização do estudo.

A distribuidora “Ponto do Gole” é um local de muita concentração de pessoas, apesar de já ter vivido o auge em anos anteriores; a visitava com certa frequência em momentos de lazer.

Contudo, terminada a transcrição das vivências nesses lugares, com auxílio dos professores na Banca de Qualificação, se chegou a ideia consensual do caminho etnográfico que enveredou o trabalho rumo à temática de gênero, devido à

proeminência de sujeitos Gays, Transexuais e Travestis nos três locais em que foi realizado o presente ensaio.

Desenvolver uma etnografia desse tipo exige lidar com algumas mudanças que se apresentam durante o percurso: como não se tinha sujeitos de análises definidos inicialmente, a atenção foi voltada para o bairro que se apresentou com uma grande carga de fluxo de pessoas.

Assim foi resolvido seguir o percurso apresentado pelas vivências, agora, não só em parte, mas em toda essa dissertação dentro da perspectiva etnográfica. Novas abordagens trouxeram consigo a necessidade de estabelecer e aprofundar outros eixos temáticos junto a esses interlocutores em novas vivências, como por exemplo, a sociabilidade desses sujeitos dentro das conformações sociais nas quais se situam.

Assim, o ensaio foi dividido em dois momentos: o primeiro alude a uma contextualização sobre o bairro e um estudo de vivências etnográficas ao terreiro de Umbanda, à distribuidora e à zona de prostituição de Transexuais e Travestis estrangeiras na Avenida Ataíde Teive; onde se buscou compreender a dinâmica de espaços de fluxos dessas conformações sociais e como elas estão configuradas na estrutura espacial do Asa Branca.

O segundo momento consistiu em etnografar sujeitos específicos do Asa Branca: Gays, Transexuais e Travestis nas configurações de sociabilidade dentro dos três lugares citados. Agora pensando como funcionam as posições desses indivíduos dentro de seus contextos, se chega à conclusão que o conceito de lugar o qual tem sofrido várias interpretações durante o tempo, possui maiores ligações com as realidades destes indivíduos, por que eles percebem a sua permanência junto a essas localidades não como um espaço, mas, sim como um lugar.

Posto que, “espaço se torna lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para pessoa, lugar é mais concreto que espaço”, (STANISKI, 2014. p.4 apud. TUAN, 1983, p.19).

Além disso, em cada um desses lugares são desenvolvidas percepções pensando os diferentes contextos vivenciados por esses sujeitos. No templo de Umbanda São Jorge, a compreensão do ideal umbandista; a visão da homossexualidade dentro da religião; profundos diálogos com Gays que vivenciam a

Umbanda; como lidam com um preconceito duplo da vida religiosa e a condição sexual.

Sobre a distribuidora “Ponto do Gole”: constatar o que está relacionada a uma acentuada presença de Gays, Travestis e Transexuais, e se este o lugar pode ser percebido como um possível ponto de encontro entre sujeitos dos outros dois lugares etnografados.

Em relação à zona de prostituição das *meninas* venezuelanas, aprofundar o convívio junto a elas fez chegar a uma compreensão sobre a sua vida; a desatinada e perigosa rotina noturna de prostituição; como se organizam e como se configura a sociabilidade nesse local.

As vivências que seguem, é reflexo de muitas idas e vindas, em alguns momentos sem grandes êxitos, mas fruto de uma intensa determinação de um estudante muito curioso em desvendar as especificidades imbricadas em cada lugar da pesquisa de campo na perspectiva etnográfica propiciada pela Antropologia.

3. O BAIRRO ASA BRANCA

Reviver uma nova experiência junto a esse bairro popular de Boa Vista que tenho tantas ligações e apreço tem sido uma oportunidade única. Retornar a esse lugar com outra bagagem teórica propiciada pela antropologia surge como uma grande e valiosa complementação dos conhecimentos que a Sociologia já havia me proporcionado.

Minhas ligações com essa localidade em mais de meia década como morador, na experiência de monografia elaborada a época da graduação e agora em um ensaio de uma dissertação de mestrado, tem me dado uma maior segurança para escrever sobre o bairro, apesar de que minha experiência acadêmica anterior ter seguido linhas um pouco destoantes das que pretendo abordar.

Nela se encontram: Escolas Municipais, Escolas Estaduais, Posto de Saúde, uma unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI, uma unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, muitos templos religiosos, supermercados e até mesmo uma cadeia pública feminina. A seguir, no mapa identifiquei alguns pontos relevantes que se inserem no Bairro Asa Branca.

Figura 1 - Mapa do bairro Asa Branca



 Feira do Garimpeiro	 Templo de Umbanda São Jorge
 Centro Comercial	 Posto de Saúde
 Supermercado Novo Tempo	 Escola Maria das Neves
 Ponto das Trans/Travestis	 Ponto do Gole
 Feira do Passarão	 Quebra Mola
 Cadeia Pública Feminina	 Senac
 Escola Estadual Jaceguai Reis Cunha	 Escola Carmem Eugenia
 Senai	

Fonte: Google Maps

Geograficamente, as quatro principais ruas e avenidas que fazem o contorno do bairro, são: Avenida General Ataíde Teive, que faz a divisa com o bairro Tancredo Neves; Avenida dos Imigrantes que faz fronteira com o bairro Buritis; Rua José Francisco que separa o Asa Branca do bairro Cinturão Verde; Avenida São Sebastião que divide e limita o Asa Branca com o bairro Cambará. E, por fim a divisa com o Bairro Jóquei é feita pelo Igarapé Pricumã.

No bairro há duas grandes feiras, um grande centro comercial, bancos, centros profissionalizantes, escolas municipais, estaduais, igrejas evangélicas e católicas, centros espíritas, um terreiro de matriz africana, praças, dentre outros.

A constituição do bairro Asa Branca está imersa em uma consonância de fatores, a saber: migrações da década de 80, falência dos assentamentos rurais e políticas assistencialistas. Dentre eles, houve a criação do Polo Roraima, em 1975, com fomento financeiro ao, então, Território Federal para o desenvolvimento de grandes atividades desenvolvimentistas como constituições de colônias, acesso a estradas e regulamentação de posses de terras, para auxiliar e solidificar a permanência de vários agricultores no Território.

A aglomeração urbana na década de 80 foi estimulada pelo deslocamento de agricultores das colônias para a cidade e, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo 1990, a população urbana que tinha índices inferiores a rural no ano de 1980 pulou de 38,4 % para 61,6%. Para se ter uma ideia, nos anos de 1970/1980 a zonal rural teve um crescimento de 2,66% e a área urbana 10,8%, apesar de todos os esforços realizados por diversas políticas e dos estímulos federais que continuaram ascendentes até o início dos anos 1980.

Esse fator agregado à expansão urbana de Boa Vista (RR) estimulou invasões e a constituição de novos bairros entre 1980 a 1990, os quais totalizaram 16, dentre os quais, o bairro Asa Branca, cujo nome estaria vinculado à origem nordestina de seus moradores e, segundo Conceição (2012), mais especificamente a música “Asa Branca”, lançada em 1947 pelo “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga, que exprime o sofrimento dos nordestinos durante a seca.

Segundo Silva (2007), na contagem populacional de 2007, constatou-se a existência de uma grande centralização na zona oeste da cidade que contou com 200.537 pessoas residentes enquanto em 2000 eram 152.062 na mesma zona, equivalente a 77,15% do total da população urbana da capital e que se elevou para 81,37 % no ano de 2007, em trinta e oito bairros. As demais zonas acomodavam apenas 45.907 de indivíduos.

A maioria da população Boa-vistense menos favorecida é empurrada, cada vez mais, para lugares que não dispõem de bons aparatos estaduais e municipais de apoio a população como em áreas mais nobres da cidade. A segregação espacial, no caso de Boa Vista (RR), está mais associada às questões socioeconômicas.

Nesse caso específico parto da ideia de uma segregação residencial, a qual tem diferentes significados e consequências. E se pode acrescentar que nela as minorias sociais tendem a ser segregada, principalmente para a zona oeste, área onde estão situados os bairros periféricos da cidade, enquanto a maioria das pessoas de classe alta e média se dispersa em pequenos bairros do Centro, da Zona Norte e da Zona Leste.

Essa desigualdade no tecido urbano da cidade de Boa Vista é, em grande parte, proveniente da falta de uma administração pública que criassem mecanismos necessários para uma melhor distribuição dentro das zonas da cidade que pudesse evitar a essa segregação, fosse via de regras em legislações, e/ou outros mecanismos legais. O que houve foi intervenções de governos que visaram à expansão da cidade em vistas a transformação do Território em Estado de forma desenfreada sem um bom plano urbano. (SAMPAIO, 2017).

Entretanto, não se deve condicionar e restringir a distribuição segregadora da população na cidade apenas à distribuição pública, pois, “o espaço urbano capitalista [...] é um produto social, resultado de ações acumuladas através do

tempo, e engrenadas por agentes que produzem e consomem o espaço”. (CORRÊA, 1989, p.11). Os interesses do capital imobiliário têm grande influência na constituição dos espaços urbanos.

Essa segregação é uma forma de injustiça social e, por isso, separa rendas, tanto que em Boa Vista isso se materializa. Começando pela maior zona populacional, a oeste, o Censo 2000 apontou uma renda média de R\$ 367,00; na norte de R\$ 741 reais; Na sul e leste de R\$ 1.280,00 e R\$ 2.418,00, respectivamente, índices que confirmam a segregação socioeconômica.

A constituição dessa zona, segundo Silva (2007), deu-se pelo mercado de pedras preciosas que precipitou o início de uma grande corrente migratória, que duplicou o contingente de habitantes disparando de 52.614 para 120.127 pessoas nos anos 80. Com apoio das políticas assistencialistas do governo estadual criaram-se bairros como Santa Tereza e Asa Branca.

Magalhães e Souza (2012) enfatizam que a interferência da própria administração pública, posterior à criação do Estado de Roraima, não foi justa com o desejo e a aspiração da grande maioria. No quesito infraestrutura, os planos reafirmaram as dessemelhanças sociais fazendo com que os gestores do município se empenhassem em construir aparelhos em localidades já resididas por habitante de bom poder aquisitivo, o que contribuiu mais ainda para a divisão social, a segregação e a especulação imobiliária.

Chega-se à conclusão que o poder político, geralmente restrito aos que possuem um bom poder aquisitivo, proporciona uma atuação nas medidas dos agentes públicos em detrimento de seu benefício próprio.

A concentração espacial dos grupos de renda mais alta, gera uma espécie de causalidade circular no sistema urbano, não somente pela sua maior demanda efetiva pelos serviços, como também, por que esses grupos possuem normalmente maior poder político para influenciar as decisões de investimentos governamentais em seu favor. Como consequência, dar-se-ia a subida de valor do solo urbano exatamente nesses locais já privilegiados (VETTER E RZEZINSKY, 1979, p.17).

Magalhães, Souza (2012) propõe uma saída na reorganização da cidade e defende a ideia de que a aplicação de seu ideário modificaria a demonstração da atual condição social de nossa capital, Boa Vista/RR, no que diz respeito à renda. O que efetivaria mais precisamente essa perspectiva a uma melhor divisão em

termos de dados no que concerne às zonas urbanas, mas em conclusões mais realistas não mudaria necessariamente as discrepâncias sociais e a segregação socioeconômica.

O fluxo de corrente migratória predominantemente nordestina ocasionada pela corrida do ouro nos anos 80 e, posteriormente, com sua desarticulação nos anos 90, fez emergir forçadamente um aumento desenfreado de assentamentos urbanos em Boa Vista (RR).

É necessário destacar também o fluxo migratório venezuelano que iniciou em meados do ano 2016 e tem criado um novo desenho na mancha urbana da cidade de Boa Vista/RR.

Até junho de 2017 foram registrados 7.600 pedidos de refúgio, sem levar em consideração os de residência temporária e os estrangeiros que se mantêm de forma irregular em nosso país. (LIMA, 2019). Atualmente, segundo dados da Polícia Federal, são 75 mil venezuelanos no estado de Roraima. As “vilas” de apartamentos tipo *kitnet* estão tomadas por esses migrantes.

No centro deste ensaio está a experiência etnográfica baseada em *vivências* nas configurações sociais dos locais elencados no perímetro do bairro.

4. O TEMPLO DE UMBANDA “SÃO JORGE”

O *pontapé* inicial da pesquisa de campo se deu ao Templo de Umbanda “São Jorge”, que fica localizado na Rua Vicente Corrêa de Lira no bairro Asa Branca. O espaço tem um fluxo muito grande de pessoas. Nele não há uma identificação na sua fachada dizendo que se trata de uma casa de Umbanda, apesar do local ser bem conhecido e movimentado. Sua aparência é de uma casa comum, na sua entrada há uma casa, posteriormente outra de andar e aos fundos temos o espaço do templo.

O local, para mim, não é novo, já o frequentei várias vezes por alguns anos, apesar de nunca me voltar para esse espaço com um olhar antropológico. O Pai Cláudio, como por aqui costuma ser chamado, o líder da casa, já é uma figura por mim conhecida, um homem tímido de baixa estatura, mas que ao mesmo tempo esbanja um ar de simpatia, já a beira a casa dos 50 anos, intitula-se como um “Zelador de santo”, professando sua fé por intermédio da umbanda há 36 anos, recebendo essa pesquisa de braços abertos.

Sua história com a Umbanda é muito impactante, um testemunho de fé que proporcionou grandes transformações em sua vida e que se iniciou aos 13 anos. Após um afastamento que culminou em sérios problemas, apresentando sintomas de loucura, depressão, quase ao ponto de ficar paralítico, um processo difícil e doloroso de uma etapa de sua vida.

Algo que a Umbanda o ajudou a vencer, após o seu regresso a religião. É perceptível em sua fala que isso provavelmente não teria acontecido se não tivesse se afastado, mas hoje relembra com certa naturalidade esses acontecimentos e carrega como um aprendizado.

Claudio possui atualmente vinte e seis filhos de santo¹, cinco deles dividem espaço em uma casa anexa a sua; um sistema de cooperação bastante interessante, posto que, o ideal professado pela Umbanda de paz, amor e caridade é seguido aqui de forma contundente pelo líder desta casa.

Cada membro carrega consigo as mais variadas entidades que corriqueiramente se apresentam nesse espaço, dentre elas estão: “Tereza Léguas Bougibuá”, entidade chefe do líder e, portanto, considerada a “dona da casa”, oriunda segundo a tradição de uma família do Maranhão, que após morrerem todos

¹Designação dada aos membros que compõem o templo.

e se tornaram entidades; “Caboclo Rompe Mato”; “Pomba Gira Maria Padilha”; “Cigana Menina”; “Pomba Gira Maria da Praia”; entre outras.

Apesar de esse ser um espaço particular, seu acesso é público e seus serviços são gratuitos ou de acordo com a consciência do cliente sobre o valor monetário que acredita que o trabalho possui.

Aqui são tratados vários problemas, os que mais se destacam estão o tratamento de vícios com drogas ilícitas e álcool. O Pai Claudio designa esse espaço como uma casa de caridade que está a serviço de todos que delas necessitarem, aos moradores do Asa Branca, ao qual diz possuir um bom e saudável relacionamento, até de outros bairros, municípios, estados e países como é frequente. Mas, também por aqui se tem serviços como vidências, cartas e charutos, atividades essas que são desenvolvidas sem a necessidade de incorporação.

Apesar de estar fixado no perímetro urbano do bairro Asa branca, é interessante perceber como esse templo surge como um espaço de grande fluxo, principalmente em épocas festivas da casa.

O convite para participar de um desses momentos durante a pesquisa de campo foi algo que de imediato me instigou muito, pois, se tornaria uma oportunidade para obter maiores informações sobre funcionamento da casa e de seus ritos: a festa da “Pomba Gira Maria da Praia”, celebração para uma entidade chefe de um dos seus filhos de santo que ocorre de forma anual.

4.1 A FESTA DA POMBA GIRA “MARIA DA PRAIA”

Novamente regresso ao terreiro, como popularmente as pessoas moradoras do bairro costumam denominar esse local, hoje tudo está muito mais iluminado, ornamentado, pessoas andando empolgadas de um lado para o outro, para que tudo saia como planejado e no horário previsto.

Tradicionalmente como acontece por aqui, a festa é dividida em dois períodos, um destinado a “linha branca”, que são para Caboclos e o outro para “linha negra” que para os simpatizantes e membros da religião também é descrito de “esquerda”, aos Exus e Pombas Giras.

O local destinado a essa celebração também é dividido em dois, o salão onde acontece todo o ritual de passagem dos espíritos no processo de incorporação aos filhos da casa, e uma espécie de quintal cimentado a frente do templo que

possui mesas e cadeiras para quem não queira participar e/ou espairar um pouco para fora do ambiente do salão.

O primeiro ambiente onde acontece todo esse rito de chegada dos espíritos, é um local bem aconchegante, climatizado, por aqui há um forte cheiro de incenso, velas acessas, imagens de entidades que estão espalhadas pelos três cantos com seus respectivos altares, no último canto é uma área destinada a dois tambores com o espaço para os seus tocadores.

O quarto altar fica localizado um pouco antes dessa área, que estão divididos em dois, em cima há imagens de santos católicos, também como velas acessas e na parte de baixo a de outras entidades da Umbanda.

Essa junção de imagens de santos católicos e da Umbanda surge como um simbolismo do que na prática é a religião, como pressupõe o chefe da casa, uma mistura do catolicismo, cristianismo e religião de matriz africana.

Aqui é tratado com naturalidade, por exemplo, a menção de Nossa Senhora de Santa Bárbara ligada à imagem de Iansã, como de São Lazaro ligado à imagem de Omolú e até mesmo de Jesus de Nazaré, ligado a imagem de Oxalá, todos esses e outros envolvidos, Orixás, considerado deuses africanos por sua cultura.

Esse sincretismo religioso surge no Brasil após a chegada de negros da África, que possuíam o Candomblé como religião de culto, portanto, como o país ainda era oficialmente católico, suas manifestações eram proibidas dentro de nosso território. Mediante isso, os africanos, em sua necessidade de desempenhar seus cultos religiosos, creditavam a reverência dada aparentemente a determinadas divindades católicas aos seus Orixás.

Para que assim não sofressem represálias por suas manifestações e pudessem exercer sua religiosidade, algo que mesmo após a aderência do Brasil ao estado laico, onde todos são livres para expressar sua religiosidade, seguiu como uma tradição, posto que, esta experiência Católica / Cristã / Africana propiciou dentre outras coisas, o surgimento da Umbanda.

Que segundo nosso interlocutor, Cláudio, é uma religião genuinamente brasileira, tendo os setes principais Orixás, que são: Oxalá, Yemanjá, Xangô, Ogum, Oxossi, Iori e Iorimá, cada um com suas respectivas linhas: religiosas; povo da água, justiça, demanda, caboclos, crianças e preto-velhos, como um norte dentro da Umbanda.

Os espíritos estão divididos entre a esquerda e direita ou linha branca e linha negra, respectivamente, que se distinguem de entidade para entidade de acordo com cada membro da religião, se apresentando em um processo de incorporação através do filho em consultas, sessões e festas.

Historicamente, a constituição da Umbanda se iniciou no Rio de Janeiro, em 1908, segundo Giumbelli (2002) por intermédio do Caboclo Sete Encruzilhadas, manifestado ao médium Zélio Moraes, jovem e que com apenas 17 anos acabou sendo acometido a uma paralisia surgida repentinamente, ao que foi levado a uma reunião da Federação espírita de Niterói, município em que residia para se tratar.

Nesse encontro acabaram por se manifestar vários espíritos de indígenas e negros escravos e todos estavam sendo convidados a se retirar por se acreditar que seriam espíritos inferiores. Nesse intervalo de tempo, um espírito incorporou em Zélio e, se identificou como “Caboclo sete encruzilhadas”, afirmando que os espíritos ali presentes estavam sendo afastados pelas suas condições sociais de vidas passadas, e que sendo assim, ao dia seguinte iria fundar por intermédio de Zélio, em sua casa, um novo segmento religioso para que esses espíritos pudessem trabalhar.

Ao dia e hora marcada pelo caboclo, aglomeraram várias pessoas conhecidas e desconhecidas na casa de Zélio para presenciar tal ato, às 20 horas do dia 16 de novembro de 1908, o médium incorpora novamente o “Caboclo sete encruzilhadas”, e dá oficialmente por decretado o início do que primeiramente foi denominada de Allabanda, mas por questões de oratória foi substituída por Aumbanda, palavra de designação sânscrita que tem por significação “ao lado de Deus” ou “Deus ao nosso lado”.

Neste momento ficou decidido que os espíritos de velhos africanos que atuaram como escravos, e que, após o desencarne não acharam campo de atuação em seitas negras e espíritos de índios nativos de nosso território teriam agora espaço para atuar em benefício dos que ainda permanecessem encarnados.

A caridade, no que diz respeito ao amor fraterno seria aqui o caráter principal a ser perseguido por esse novo culto que se inicializara, que teria Jesus como mestre supremo e o evangelho de Cristo como base.

Fechando esse parêntese e voltando a festa, no primeiro momento, são realizadas rezas, seguindo fielmente os horários estabelecidos. Os tambores possuem grande protagonismo seja no primeiro ou no segundo momento da festa,

os toques emitidos do tambor juntamente com os cânticos dão um start para o começo oficial da festa.

Filhos e/ou visitantes praticantes da religião vão à beira do tambor entoar os pontos² respectivos de suas entidades em um processo, que aqui é interpretado de “chamar a entidade”, o líder da casa dar início aos trabalhos em uma sequência de pontos que são automaticamente reproduzidos pelos filhos e visitantes.

Os filhos da casa ficam em movimentos rotatórios sucessivo sobre a Guna³, esses giros são muito constantes em um processo de sintonização com suas entidades, há um processo de revezamento junto ao tambor antes e após a chegada das entidades, a primeira a se apresentar na festa foi “Dona Tereza” como os filhos da casa a chamam.

A entidade abraça todos os presentes, de forma peculiar e igualmente aos demais espíritos que se aqui manifestam, em uma espécie de abraço cruzado, acompanhado geralmente de um aperto de mão.

De imediato, Dona Tereza é servida com cerveja e cigarros, por pessoas que são responsabilizadas a tal tarefa dentro da casa. A entidade após abrir a passagem a outros espíritos ao terreiro assenta ao seu lugar, que se assemelha a um trono e fica a observar as movimentações dentro do salão.

Os cânticos são constantes, e as atividades prosseguem sua normalidade, ao longo desse primeiro momento outros espíritos se apresentam na festa, uns não se apresentam de fato, apenas cumprimentam os altares e vão embora.

Apesar de essa primeira etapa ser realizada de forma tradicional em qualquer festa por aqui, há sempre uma grande expectativa ao seu segundo momento, tanto pelos membros da casa como pelos seus visitantes, a festa principal, no caso da “Pomba Gira Maria da Praia”.

O processo de começo da tão aguardada segunda etapa é um pouco diferente, ao centro do salão são colocadas sete velas em formato de círculo, alguns filhos da casa que desenvolvem incorporação já estão quase prontos⁴, para facilitar o processo de vestimentas aos espíritos, no caso da Pomba Gira, na festa nenhum dos filhos da casa se propõem a incorporar Exu⁵.

²Termo utilizado internamente para se referir à música.

³Uma espécie de Poste de cimento branco.

⁴Com unhas pintadas e já maquiados.

⁵ Entidade masculina da linha da esquerda

Os filhos são colocados individualmente neste círculo, com a mão do chefe da casa sobre sua cabeça, é entoado um ponto, a letra deste é uma autorização cantada a Ogum, orixá muito zelado dentro dos terreiros de Umbanda para que este libere a passagem desses espíritos.

No processo de entoação dessas músicas começa a acontecer o processo de incorporação das entidades dos respectivos filhos da casa, que são: Pomba Gira Maria da Praia, Maria Padilha e Cigana Menina.

Mesmo com uma parcial preparação por parte dos filhos, a etapa de vestimenta dessas entidades é um processo demorado; todas as suas maneiras, através de suas roupas se mostram dispostas a ser o centro das atenções.

Após o regresso delas, se iniciam novamente os trabalhos sobre os tambores, cada uma por vez, em processo de revezamento, vai ao tambor para cantar seus pontos, que em suas letras contam sua história em vidas passadas e fracassos na área amorosa. Em uma de suas letras cantadas temos: “Chorei, chorei! O homem que eu amava eu matei (repete duas vezes); matei com sete facadas em cima do coração, eu sou Maria Padilha e não aceito traição (repete duas vezes)”

Letras fáceis de serem reproduzidas, mas que carregam seu histórico. Normalmente cada uma delas possui suas canções, mas muitas vezes é tratado com normalidade quando uma canta o ponto da outra substituindo apenas pelo seu nome.

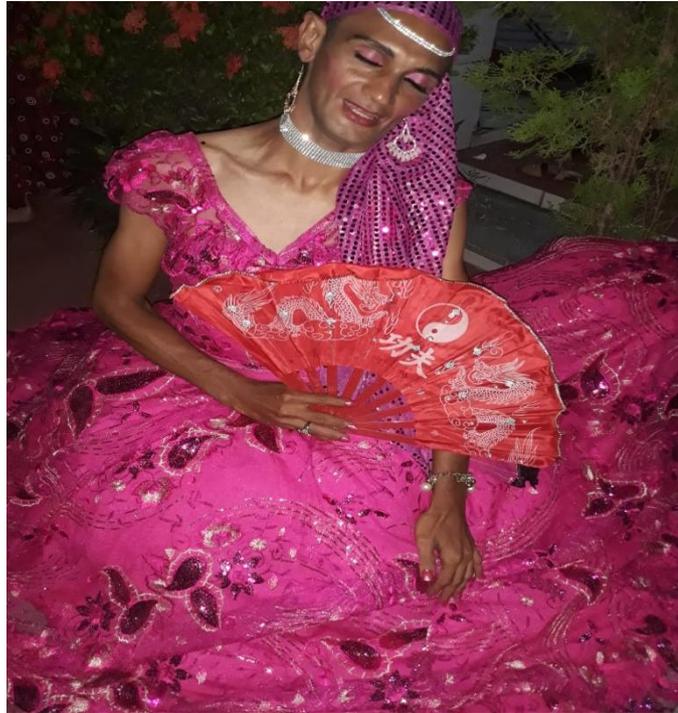
Há outras entidades que não são dos filhos da casa, mas de visitantes que por aqui se manifestaram como o caso do Exu Zé Pelintra.

Nesse percurso da festa é servido bebidas e comidas aos convidados, quando são pausados os tambores, todos os que estão no salão e as entidades tomam acesso na parte externa junto as mesas.

Aqui, cada Pomba Gira toma posse de uma mesa com convidados, elas disputam atenção dos presentes, há algumas outras que se aglomeram em uma só mesa.

Aqui eu fiquei, a convite, foi da Cigana Menina, após uma simples disputa que houve com a Maria Padilha, apesar de um pouco distantes elas costumam falar uma com as outras de seus devidos lugares, não a muito por aqui do que extrair dessas entidades, uma vez que, em épocas festivas como essas eles costumam descer a este plano para beber, fumar e cantarolar.

Figura 1 - A cigana menina



Fonte: Jeovane Sampaio

São abordados assuntos comuns, muitos deles giram em torno de mensagens de cunho sexual, mas de forma bem subliminar, elas gargalham e promovem muitas gargalhadas, oferece bebidas, o que é por aqui interpretado como uma limpeza sobre a vida do indivíduo que as ingerem na presença delas.

As entidades que geralmente se manifestam por aqui também se apresentam como pessoas que já viveram nessa terra, e, que após a morte, se encantaram⁶, muitas retratam um passado sofrido e doloroso neste mundo vivido e que o regresso como espíritos, que dentre muitas coisas atuam em processo de incorporação, surgiu como uma forma de contribuir e pagar por atos que acreditam serem errados em vidas passadas, ajudando as pessoas que aqui neste mundo ainda permanecem vivas a não os cometerem.

Problemas de ordem amorosa são temas reservados as Pombas Giras, que se afeiçoam com a temática, uma vez que, seus históricos em vidas passadas, como contam, não obtiveram sucesso nessa área da vida pessoal, algo perceptível até mesmo em seus cânticos, como dito.

⁶Termo utilizado para dar luz ao entendimento que se transformaram em entidades.

Como questões de saúde física, espiritual e mentais são dirigidas aos Caboclos e Pretos Velhos que demonstram conhecimentos e afinidades sobre a temática arraigada também ao seu passado.

Após as 24 horas, o espaço assume uma grande lotação, esses são os horários que os líderes e todos os seus membros do Candomblé costumam aparecer em festas como essas. Alguns convidados candomblecistas já chegaram arrumados e incorporados, em questão de minutos já se apresentam outras três entidades ciganas à festa, nesse espaço não se apresentam expressivas entidades masculinas, posto que, se trata de uma festividade a um espírito feminino, o que via de regra, não necessariamente seja uma proibição a esses espíritos, parte da vontade do filho sobre qual entidade invocar para este local nesse momento.

Tudo já estava mais calmo, entretanto com a chegada desses novos membros e entidades a festa ganha outro grande pico; são reassumidos os tambores, entoado vários outros cânticos e as gargalhadas voltam a ser mais fortes e frequentes.

Em algumas ocasiões, apesar do momento festivo, se nota algumas indiretas de uma entidade para a outra, que estão envoltas sobre algumas atitudes de beber e fumar dentro do salão, da forma como uma se expressou com algum convidado, mas aparentemente isso aqui é visto como algo muito natural, pois, acredita-se que por elas serem espíritos femininos estão representando essas coisas típicas que comumente estão ligadas ao “mundo feminino”.

Outro ponto que chamou bastante atenção, é que o processo de incorporação não é constante, em alguns momentos, a entidade sobe⁷para que o filho possa urinar, após isso, a mesma regressa ao filho e a festa.

Analisando e conversando com algumas pessoas presentes foi percebido que há quem não acredite que de fato esteja manifestada uma entidade em incorporação sobre uma pessoa ao cometer esse ato. E são atestadas tais afirmações por essas pessoas pelo histórico que já presenciaram de entidades que ficam horas incorporadas e não realizam tais atitudes.

É perceptível entre algumas pessoas, principalmente as simpatizantes que possuem um relevante conhecimento sobre a religião, burburinhos a cada atitude

⁷Como aqui as pessoas designam o processo de desincorporação.

que consideram suspeitas, efetuadas pelas entidades, por aqui tem também pessoas pouco crédulas sobre a incorporação de alguns espíritos.

Há três tipos de simpatizantes por aqui identificados, aqueles que estão efetuando um trabalho espiritual e vem à festa para confraternizar com a entidade, os que são amigos dos filhos que estão incorporados e os incrédulos, que vem a festa para espiaçar, mas não levam muito a sério o que as entidades estão falando ou fazendo.

De uma forma ou de outra, independentemente do tipo de simpatizante aqui presente é percebida a expectativa carregada em todos sobre uma resposta, geralmente que gira em torno do futuro, amor, dinheiro e soluções de problemas espirituais.

E essa é uma oportunidade de esperança a essas pessoas, por mais que acreditem que serão difíceis de serem reveladas tais respostas, há por aqui quem sofre por anos com uma dor física que seria derivada de problemas espirituais e sempre participa desses momentos em busca de uma resposta diferente das que corriqueiramente costuma ouvir.

Portanto, não arrisco dizer que até os simpatizantes mais incrédulos possuem um nível de cem por cento de incredulidade sobre os acontecimentos aqui, pois, caso contrário, não se fariam presentes em busca de uma explicação e/ou resposta.

Sobre a problemática se é ou não uma entidade manifestada, o Cláudio, apresentou algumas dicas para tentar entender e contextualizar essa polêmica. A primordial delas, que fica mais viável ao entendimento, é sobre a etapa da desincorporação, em que após a entidade ir embora, é taxativo afirmar que se o filho ficar “bêbado”, ele verdadeiramente não estava incorporado ou se perdeu grandemente durante a incorporação em suas ligações com a entidade.

Ele explica que mesmo o espírito consumindo muita bebida alcoólica sobre o filho, ele leva todo o teor alcoólico não deixando o afetar, que ele próprio não ingere nenhuma bebida do tipo, mas que suas entidades o fazem e nada lhe acometem.

Em alguns casos, algumas elas podem até cometer tal ato sobre o filho como uma maneira de castigo, mas é avisado antes da desincorporação e todos sabem do que e porque se trata aquilo.

Por aqui não é dado muito crédito ao filho e sua entidade se tal ato é acometido seja por um membro da casa, ou seja, de qualquer outra que aqui esteja presente. Esses atos à medida que se tornam constantes vão levando ao descrédito a pessoa e a entidade que se diz incorporar.

Ocorreu durante a festa, por exemplo, uma entidade ficar um pouco descantada, por pessoas presentes e pelos outros espíritos, possuindo até dificuldades de espaço para cantar a beira do tambor.

Tais atitudes percebidas, e de acordo com conversas indiretas se davam por essa pouca fé que se tinha sobre a fama daquela determinada pessoa. O que não necessariamente causou mal-estar ou conflitos, entretanto foi algo observado nas entre linhas.

São mais de uma hora da manhã e por aqui ainda há muita animação, bebida alcoólica e um nevoeiro de fumaça de cigarros de visitantes e entidades. A dona da festa, Dona Maria da Praia, como é chamada por aqui, é um pouco discreta, não está tão arrumada com longo vestido brilhoso como as demais e não é muito espalhafatosa.

Por aqui as pessoas compreendem que esse jeito diferenciado aparente se dar pela sexualidade do filho, ele por ter a heterossexualidade como condição sexual, não teria um “aflorado lado feminino” que os demais filhos homossexuais da casa possuem para transbordar a sua “verdadeira essência feminina”.

E também pelo acordo entrelaçado entre ela e o seu filho sobre a compostura que este espera dela sobre ele na incorporação. Ela é bem solícita, cumprimenta a todos e se preocupa com o bem-estar dos presentes.

Por ser a dona da festa é muito bem reverenciada pelas outras entidades e visitantes, está inserida na festa em um pequeno aglomerado de entidades em uma mesa, a saber: Exu Zé Pelintra, Pomba Gira Tatá Granita e duas outras ciganas que não foi percebida a apresentação de seus nomes.

À medida que as horas avançam o espaço vai ficando mais vazio; já são mais de quatro da manhã e as entidades começam a se despedir, não há nenhum grande ritual desenvolvido nesse processo. Elas se despedem, cumprimentam a todos e desincorporam em um processo frenético sobre o físico do filho.

Após esse acontecido, os filhos ficam em uma fase de êxtase retomando os sentidos, adiante vão se desarrumar, outros comerem e conversarem sobre algumas

coisas em relação à festa e cada um vai tomando seu rumo, dando um ponto final sobre a festa.

Trabalhar essas especificidades aqui, em um trabalho de campo tão cheio de minúcias, mas que representam grandes magnitudes e contextualizações foi desafiante e de suma relevância.

Desenvolver um olhar descritivo-interpretativo propiciou um grande aprendizado, para que se pudesse transcender o papel de observador ao de intérprete do momento vivenciado, trazendo a luz dos acontecimentos os contextos relevantes e estruturais sobre todo esse momento e vivências.

Como pressupõe Clifford (2002), não existem verdades totais e sim parciais, essa explanação de campo surge como essa prerrogativa, de não se apresentar como uma única verdade, mas sim de uma parte dela que está problematizada em vários ensaios e pesquisas que foram e estão sendo realizadas no seio antropológico sobre a Umbanda em nosso contexto social brasileiro.

Algumas pessoas que aqui vivenciam essa prática religiosa, assim como as minorias em nosso país, ainda sofrem o preconceito cotidianamente na vida social, em alguns casos, em dobro, primeiro por sua condição sexual e segundo por sua opção religiosa.

Aqui, algumas, por exemplo, não tem muito contato com a família, encontram nesse local, um lugar de acolhimento, propício para explorar sua identidade de gênero e sua fé sem julgamentos e apontamentos. Dentro desse contexto, voltar um olhar sensível, atento e humano foi uma das tarefas mais árduas por aqui, posto que, se tinha a necessidade de trazer para essa interpretação de forma mais contundente possível todos esses acontecimentos e rotinas que aqui foram experienciadas, sem que, com isto pudessem lhe acarretar prejuízos, todavia, demonstrar um olhar fora dos trilhos do senso comum do que é e do que de fato se propõe a Umbanda.

Parto do ideia de que em um trabalho etnográfico, dentre muitas coisas, deve perseguir a missão de propiciar um vocabulário, em que possa ser exposto o que o simbólico, aqui no caso a prática desse sincretismo religioso que originou a Umbanda, tem a dizer sobre si e qual o seu papel de impacto na vida dessas pessoas que vivenciam essa religiosidade.

Trabalhando o enredo de me colocar no lugar do outro, entendendo o ser humano e aqui as pessoas que compartilham essa fé, como uma espécie de um animal entrelaçado nas teias de significações que ele mesmo criou, em que via de fato, a cultura surge como sendo essas teias, como bem analisa Geertz (1978).

Inicialmente, apesar de querer analisar esse local, em *primeira mão* como essa configuração social que se insere no bairro Asa Branca, a atuação no campo e o fascínio a cada descoberta que era propiciada, em conversas, anotações, perguntas e mais perguntas, abriu um leque de visões e realidades em que não faria sentido algum se restringir a uma única possibilidade inicial.

Como realmente se pode constatar esse local contém uma grande carga de fluxo de pessoas, várias delas das mais diversas localidades se apoderam dele, nos toques de tambores semanais que aqui acontecem, momentos que por aqui são entendidos como uma “abertura dos caminhos” para casa e um culto de referência aos espíritos atuantes no templo.

E, principalmente em festas anuais, como essa específica da “Pomba Gira Maria da Praia”, em que seus visitantes provinham de vários bairros, os que mais se destacaram foram os bairros Senador Hélio Campos e Bela Vista, localizados na periferia da zona oeste de Boa Vista.

4.2 A REABERTURA DOS TRABALHOS APÓS A QUARESMA

As atividades no templo foram paralisadas no período da Quaresma, como tradicionalmente acontecem por aqui todos os anos e em várias casas de Umbanda em todo o Brasil.

O período de quarenta dias que antecedem a páscoa e, posteriormente, a ressurreição de Jesus Cristo, considerada por muitos a maior celebração cristã. Durante esse tempo são proibidas quaisquer festividades e eventos dentro dos templos, é uma forma de respeito e reverência proposta pela Igreja Católica há muitos anos.

A Umbanda por ser oriunda também de uma matriz católica segue fielmente esses preceitos, alguns costumam falar que nem mesmo as entidades espirituais se sentem à vontade em descer a esse nosso plano durante essa época.

Seguindo essa perspectiva de respeito a essa tradição, resolvi paralisar também esse ensaio para não ser evasivo a esse momento de reflexão que essas datas acabam por culminar.

As atividades do templo foram reabertas, ao dia 27 de abril, com uma singela festa, em homenagem a Ogum, que no sincretismo religioso é o Santo guerreiro São Jorge, que não por coincidência leva o nome desta casa e sua festa ocorre geralmente durante essa época do ano.

Como dito anteriormente, a Umbanda não trabalha diretamente com Orixás, como é o caso de Ogum, apenas zelam por estes. Entretanto o “Ogum de Ronda”, uma das qualidades desta divindade, é muito reverenciada dentro dos terreiros de Umbanda, pois se acredita que este é o responsável por manter a ordem e as normas estabelecidas pelo divino criador, guiando e guardando aqueles que seguem o caminho da luz, e, portanto, possuindo controle e comando na passagem de entidades ao nosso plano, de sujeitos cármicos, como exus e Pombas Giras que atuam dentro da Umbanda.

Hoje, as pessoas por aqui se encontram arrumadas quase todas iguais, os homens de calças amarelas com detalhes vermelho e camisas brancas, alguns deles possuem uma imagem bem grande do santo São Jorge na parte da frente. As mulheres no mesmo estilo, mas com saias. Apesar da reverência inicial a Ogum, a festividade foi pensada e preparada para o recebimento de caboclos e caboclas, ou melhor, espíritos da linha da direita, a branca.

O maior homenageado, Ogum, não aparece por aqui, acontece que esses espíritos não costumam comparecer em terreiros de Umbanda, uma vez que, quem lida diretamente com eles são os candomblecistas, por lá que é comum manifestar sua presença, por mais que alguns afirmem categoricamente que não se trata exatamente de um Orixá.

Mas um falangeiro, um espírito de menor ordem que vibra na força do Orixá, por ser uma força bem poderosa da natureza se acredita que nenhum ser humano possui essa capacidade de incorporá-lo, como essas divindades não falam e nem mantêm nenhuma espécie de diálogo com humanos por se intitularem “Santos”, a dúvida perdura até os dias de hoje.

Inicialmente, a festa começa com os filhos direcionados para o altar central do templo em uma espécie de círculo, cada um com uma vela branca acesa na mão.

São emitidos cânticos pelo líder da casa, o Cláudio, que não está vestido igual os demais, mas com suas tradicionais e exuberantes batas, que são reproduzidos pelos filhos e pelos presentes. É uma espécie de reza cantada.

Após esse momento, os tambores são assumidos, os filhos se direcionam a gunga e começa a festividade. O líder da casa, geralmente, inicia os pontos, e os filhos vão se revezando a frente dos tocadores cantando as músicas de suas entidades, os demais giram em torno da gunga também tentando se conectar com as suas.

Por aqui, hoje, algumas se apresentaram e cumprimentaram os presentes, outras não. Algumas delas não se sabem quem é, a não ser pelas músicas que cantam a beira dos tambores, elas falam sobre si, seu nome, suas histórias e até mesmo conselhos são proferidos.

Por exemplo, Seu Raimundo Légua-Bougibuá, que canta em um de seus pontos que “não se deve confiar em mulher casada”, por acaso ele não é um caboclo de fato, é da família de légua como costumam chamar, que expliquei na parte anterior deste ensaio. Os Léguas giram mais na linha da direita, mas tem acesso a da esquerda, essa segunda pelo que consta é por possuir um ancestral em comum a um Exu africano, às vezes causam espanto em algumas pessoas perceberem sua presença em festas de Exu, por desconhecerem essa peculiaridade.

Alguns fazem confusão classificando os léguas como caboclos por sua predominância ser a linha da direita, mas eles não se mostram preocupados com essa designação, assim como as ciganas, elas não são Pombas Giras, são apenas ciganas, mas por estarem encostadas na linha da esquerda, por não terem sido aceitas na linha da direita, as pessoas sem muito conhecimento sobre a umbanda as classificam assim, quando questionada sobre isso, elas explicam detalhadamente que só existe uma Pomba Gira cigana de fato, que leva o nome de “Pomba Gira Cigana” que segundo consta teve uma passagem da vida passada com ciganos.

Assim como Pomba Gira é um Exu, as pessoas utilizam a segunda classificação apenas para espíritos masculinos e a primeira para os femininos que atuam na linha da esquerda, esse fato diferentemente das ciganas e dos léguas dito acima é conhecido mais pelos devotos, mas é usado como uma forma de distinção entre os gêneros para melhor entendimento.

Regressando, tradicionalmente durante esses momentos festivos de caboclos por aqui, as entidades que descem a este plano, diferentemente dos Exus, não vem em missão de socializar, alguns sequer se apresentam ou cumprimentam os presentes, em sua forma de socialização não envolvem diretamente os visitantes que os prestigiam.

Eles descem para dançar, cantar e se divertir com seus pontos à beira do tambor, não sentam para conversar e/ou dar conselhos, como os espíritos da linha da esquerda costumam fazer, alguns nem é percebido fazer uso de bebidas alcoólicas, aqui, caboclos e caboclas não costumam demorar muito neste nosso plano.

É comum também aparecer nessas festividades *Erês*, entidades crianças que passaram pelo processo de encantamento, como frisado anteriormente, e, são considerados outros tipos de Erês daqueles manifestados no Candomblé.

Eles se comportam como verdadeiras crianças: usam chupetas, comem bombons, brincam e procuram 'encrencas' com os presentes, principalmente crianças. Hoje, se manifestou uma entidade desse tipo, o que me fez esconder todos os meus pertences, por que eles costumam pegar e não querer soltar, uma vez, uma pegou a chave da minha motocicleta e jogou em cima de um telhado de uma casa.

Diferentemente das festas de Exus, os filhos da casa, não parecem estar direcionando esforços para receber uma determinada entidade. Na linha da direita temos: Caboclos, Pretos velhos, Erês e etc. os filhos possuem todos esses nos dois gêneros, masculino e feminino.

E apesar da curiosidade de alguns sobre, não é de conhecimento entidades que sejam LGBTQ, há um orixá que já é considerado uma divindade, Oxumarê, que seria seis meses homem e seis meses mulher, mas essa é uma discussão realizada pelos membros e simpatizantes da religião, não se sabe até que ponto é verdadeira tal afirmação.

Por aqui, essas festividades dedicadas aos espíritos da linha direita são realizadas com mais frequência em relação aos da linha da esquerda, atualmente todos os sábados. O Cláudio demonstra ter mais afinidade com essas entidades do que com as da linha oposta o que não ousa dizer que não trabalhe com elas, porque segundo os mesmos, eles são os responsáveis por abrir caminho para casa, retirar

toda negatividade que possa impedir de o templo prosperar, sendo assim imprescindível sua atuação.

Suas festividades ocorrem nos aniversários das entidades junto ao filho, data em que “nasceu”, ou melhor, fez suas primeiras manifestações, o que não obedece fielmente ao dia e ao mês, como dito anteriormente. E também em raras sessões para abertura de caminhos quando as dificuldades se acentuam, geralmente problemas financeiros para o templo.

Esse momento de reabertura do templo realizado hoje segue a mesma linha dos toques realizados semanalmente, que não costuma se estender madrugada a fora, o líder da casa costuma tomar seus aposentos bem cedo, o que ocorre inclusive nas festas de Exus que se alongam pela madrugada.

O processo de encerramento, assim como as festas de Exu, não possui um grande ritual, à medida que os espíritos se dispersam, o que não costuma demorar muito, vai sendo finalizada a festividade e cada qual vai seguindo seu caminho.

4.3 A HOMOSSEXUALIDADE NA UMBANDA

No templo de umbanda São Jorge, há uma significativa presença deles: os Gays. É comum notar sua presença dentro dos terreiros de Umbanda e Candomblé.

Eu, particularmente, frequentei muitas casas de Umbanda e Candomblé em Boa Vista (RR), questões espirituais sempre me aguçaram fortemente e nesses muitos anos que passei por esses lugares, estes sujeitos sociais se fizeram muito presentes. O que despertava muita curiosidade e me levava a questionar os chefes dessas casas e até mesmo as entidades sobre a concepção delas sobre essa condição sexual destes indivíduos.

Nesse ensaio etnográfico regressei também ao templo de Umbanda para compreender essa problemática. Sabe-se que em muitas dessas casas, Umbanda ou Candomblé, são realizados casamentos homoafetivos. Aqui não são desenvolvidas cerimônias do tipo, que ficaria ao cargo do chefe do templo, o Cláudio, de alguma forma ele acredita que tais atividades possuem mais relações com o Candomblé do que com a Umbanda.

O fator preponderante para a escolha desses indivíduos para professar a fé umbandista e candomblecista é derivada do sentimento de acolhimento que é propiciado, as próprias entidades espirituais não fazem qualquer tipo de aceção

quanto à condição sexual do filho por aqui, elas propõem igualdade nas relações entre os gêneros.

Ao que observei as Pombas Giras, dizem até preferir serem entidades chefes de Gays, Travestis e Transexuais por que elas atestam que eles possuem uma “essência feminina” o que propiciam serem elas mesmas, o que difere, por exemplo, em homens heterossexuais que tem de se manifestar na incorporação ao filho com uma postura “masculinizada” que é mais condizente a condição sexual do filho, como no caso da Maria da Praia que foi comentado de forma sucinta anteriormente.

Tentando compreender mais a fundo essa prerrogativa, levei a temática em discussão a uma delas, em uma sessão que acabei por participar, que não ocorreu no templo de Umbanda São Jorge, nesse momento peculiar a entidade desce ao nosso plano para cantar, beber e gosta de conversar muito, ela em muitos momentos, Maria Mulambo, uma Pomba Gira, dizia que eu falava demais, até mais que ela, mas que gostava disso.

Apesar de não ter acontecido no local que se está desenvolvendo este ensaio, a encarei como uma rica oportunidade de entender esse outro olhar pela visão espiritual dessa entidade sobre a sexualidade. Ela conta que espíritos como ela se dispõem a descer a esse plano para ajudar os encarnados, “ver gente”, conversar, beber e fumar então quanto mais pessoas se dispuserem a ser “aparelhos” melhor o será para todas as entidades no desempenho dessas funções.

Bem como a sexualidade de uma pessoa não pode ser correlacionada à atuação de qualquer espírito, o mundo ao qual elas “vivem” hoje é totalmente diferente do nosso atual, eles possuem obrigações e trabalham muito nesse “tempo espiritual” o que não envolve em nenhuma hipótese condicionar a vida sexual de qualquer pessoa encarnada, segundo consta Dona Mulambo, como costuma e gosta de ser chamada.

Muitas vezes, as entidades abrem caminhos amorosos para os filhos caso estejam solteiros, no seu caso em específico ela diz trabalhar com homens e não com mulheres, ou seja, trazendo estes aos filhos Gays, Transexuais, Travestis e mulheres para meras realizações “carnais”, o que não configura, segundo a sua perspectiva, transformar a condição sexual do filho, apenas de “dar” aquilo que já faz parte dos seus desejos mais íntimos.

Muitos Gays entram na religião em busca de trabalhar com a Pomba Gira, já presenciei várias pessoas dentro do próprio templo de Umbanda São Jorge com tais anseios e isso se dá por questões de afinidades, pelas roupas, adereços e esse “mundo feminino” em que muitos se sentem conectados.

Talvez a isso seja condicionada uma discussão enraizada no meio religioso cristão de que as Pombas Giras transformam seres em Gays e afins, é uma alternativa que encontram para reforçar um preconceito de gênero, de que são manipulados por “demônios” e, assim não encarar a significância que remetem esses sujeitos dentro do nosso contexto social no acesso a direitos, principalmente, pelo o que foi contextualizado a partir dessa conversa com Dona Mulambo.

Ainda retratando a homossexualidade bem acentuada entre os filhos do templo de Umbanda São Jorge, conversei com Manoel, que professa a religião desde os 14 anos, ele atualmente vive junto à casa anexa que dispõe esse local, como também é o filho de santo assumidamente Gay mais velho da casa.

Sua história de vida é repleta de perdas, o início na religião é derivado de uma tradição da sua família liderada pela sua avó que já partiu a algum tempo, depois deste acontecimento não teve mais contato frequente com o resto de seus familiares e encontra aqui um lugar de acolhimento seja por suas dificuldades e traumas familiares, ou seja, para professar o culto religioso ao qual se diz identificar.

Ele conta que já teve uma casa onde realizavam seus trabalhos, não era um “terreiro”, mas um local onde dispunha para realizar suas atividades, eu, inclusive obtive meu primeiro contato com a Umbanda nesse local há muito tempo atrás.

Ele vez ou outra já saiu daqui para morar em apartamentos alugados; ele recebe uma aposentadoria e isso movimenta sua renda, mas com o tempo acaba por regressar para cá. O Pai Cláudio além de um homem de muita fé é muito caridoso e sempre se dispõe a ajudar os desamparados.

Aqui para ele, o Manoel, é um local de acolhimento não só físico, mas de amor, afinal um ato de bondade e/ou caridade é um ato de amor, de ajuda com as dificuldades da vida, anseios e sonhos, ao qual o líder deste templo estar em prontidão quando preciso for para aconselhá-lo e direcioná-lo ao melhor caminho, bem como um verdadeiro pai que se preocupa e deseja o melhor ao filho.

Ele se identifica como um homossexual, os termos populares como: “viado” e “bicha” não remete, em sua visão, a uma afirmação de sua identidade de gênero

dentro de nossa sociedade. Manoel, também não acredita que sua condição sexual seja oriunda por interferência e/ou ação de algum espírito, ele acredita que as pessoas nascem assim e que a Umbanda trata igualmente a todos, na sua visão essa concepção umbandista acolhedora, ao contrário de algumas outras religiões, é um estímulo a vivenciar essa perspectiva religiosa, onde não se necessita ocultar “aquilo que é” e ainda para praticar sua devoção.

Ele acredita que os ideais de amor, paz e caridade que prega a religião não só no discurso, mas na prática atraem pessoas como ele, que em muitos momentos são marginalizados socialmente, encontrando em locais como o Templo de Umbanda São Jorge pessoas que não os “condene” ou “julgue”.

E pressupõe que esse ambiente acolhedor impulsiona os que têm vontade de entrar para a religião a viver profundamente essas práticas religiosas, como trabalhar com incorporação, realizar trabalhos espirituais entre outras coisas.

O que se induz dessa afirmação é que não só é válido o desejo de incorporar uma *Pomba Gira*, por exemplo, como muitos anseiam, mas que a hospitalidade é um fator preponderante para que as dúvidas e os medos de mergulhar fundo na religião caíam por terra.

Apesar de que ele afirma categoricamente que não aconselha ninguém a entrar para a religião devido às cobranças e responsabilidades que surgem com ela, ao longo de nossas conversas ele mesmo se cita como exemplo, dos problemas que cotidianamente costuma a passar devido a sua pouca aptidão com regras.

Ele entrou na religião ainda criança iniciado por sua avó e não teve opção de escolha e afirma não haver nenhum tipo de acordo para que as entidades se afastem e siga uma vida comum, a não ser que vire um cristão evangélico, todavia para ele é algo muito difícil e já acumula algumas frustrações em relação a isso, o que resta, segundo ele, é “ir vivendo um dia de cada vez”.

Hoje, Manoel diz que é muito complicado e difícil lhe dar com dois grandes preconceitos: da condição sexual e opção religiosa, muitas vezes sofreu e os amigos Gays da religião sofrem julgamentos de cunho bem pejorativo, por ser o “viado macumbeiro”, mas o tempo vai proporcionando um aprendizado quanto a isso.

O fato da grande ligação desses indivíduos com a espiritualidade propicia um ciclo de amizades com pessoas que vivenciam a mesma perspectiva religiosa em vários outros templos de Boa Vista/RR e acabam por não se tornarem “exclusos” de

várias peculiaridades da vida social, como no enfrentamento coletivo de tais estigmas.

O Templo de Umbanda São Jorge, como imaginado, é vislumbrado por esses sujeitos sociais Gays como um lugar de pertencimento, familiaridade e significabilidade.

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. É porque toda antropologia é antropologia da antropologia dos outros, além disso, que o lugar, o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. (AUGÉ, 2004, p. 51)

A sociabilidade como conceito surge na Sociologia por intermédio de Simmel, segundo Frugoli (2007), o sociólogo vislumbrava a sociedade como alguma coisa ininterruptamente organizada e diluída pelos seus indivíduos, por intermédio de relações mútuas. A organização da sociedade pode ser compreendida por Simmel pelo conceito de sociabilidade.

Inicialmente foi concebido o templo apenas como um local de representação religiosa e não de sociabilidade. Mas, durante esse percurso etnográfico em contato com essas pessoas foi percebida uma forma peculiar de sociabilidade, que se encaixa na problematização de Simmel (2006) que se refere à ocupação do papel simbólico na vida de indivíduos à medida que se desprende da realidade social.

As relações derivadas das interações aqui estabelecidas fogem a regra da realidade social, dado que, em nossa sociedade atual não é comum o culto umbandista, entretanto a vida desses sujeitos aqui, não só Gays, é impactada grandemente por esse tipo de religiosidade.

Uma vez que, as entidades espirituais guiam seus respectivos filhos orientando em princípios específicos sobre sua vida, como por exemplo, o amor ao próximo, a caridade aos enfermos e de condutas do dia-a-dia.

Portanto, se constitui um aspecto peculiar de sociabilidade aqui no templo de umbanda São Jorge, que é proporcionado mediante o simbólico; um impacto na vida de pessoas ao inundá-las de algum tipo de significabilidade, em oposto ao racionalismo superficial. (SIMMEL, 2006.).

Curiosamente, ao Manoel outra configuração que emerge, para ele, como lugar de sociabilidade é a “Distribuidora Ponto do Gole”, o Boteco, o qual também é palco deste ensaio etnográfico, não só a ele mais a outros filhos da casa também.

O boteco não é muito longe do templo. Não é percebido por ele algum tipo de retaliação dos frequentadores em relação aos consumidores Gays, Transexuais e Travesti, devido a isso acredita que o acesso frequente de muitos deles por lá ser considerado normal.

5. A DISTRIBUIDORA PONTO DO GOLE

5.1 O ENCONTRO COM SABRINA

Ao longo do percurso etnográfico no bairro Asa Branca, me indagava sobre quais seriam os lugares de possível concentração de moradores, no que diz respeito a entretenimento e lazer dentro da sua estrutura espacial.

A sua principal praça, pela noite tem um fluxo de jovens realizando atividades esportivas e podem-se notar também os famosos “aviãozinhos”⁸; por condensar uma única faixa etária naquele perímetro do bairro, não apresentaram particularidades pertinentes aos eixos do ensaio.

Nessa procura me atentei a esta distribuidora que funciona como bar, muito falada e que recebe muitos usuários de forma frequente pela noite nas mais diversas faixas de idades.

A distribuidora está situada na Av. Manoel Felipe, em um ponto central do bairro. Ela existe já há alguns anos, localizada próximo ao antigo bar do “Quebra Mola”, bar que há alguns anos atrás era muito frequentado. No auge do “Quebra Mola” surge a “Ponto do Gole”, algumas pessoas reclamavam sobre o ambiente do outro bar, começou uma migração da clientela para o novo local.

Figura 2 - A Distribuidora Ponto do Gole



Fonte: Google Maps

Tempos depois, o “Quebra Mola” decreta seu fechamento. Atualmente a distribuidora atua nesse trecho do bairro. Já surgiram outros espaços próximos e

⁸Indivíduos que disfarçadamente vendem drogas ilícitas.

semelhantes, mas independentemente disso ela ainda predomina de forma veemente como ponto de encontro junto a várias pessoas, moradoras ou não do bairro.

Nela há três espaços, o da calçada, o de um extenso corredor onde dependendo do número de pessoas são postas mesas e uma espécie de quintal bem grande cimentado aos fundos onde também são servidas mesas e músicas ao vivo pela sexta-feira.

Geralmente é usado apenas o primeiro espaço, os outros dois são mais usados em finais de semanas ou em dias de show com músicas ao vivo, quase sempre de pagode. Aqui vemos pessoas das mais variadas idades, muitos migrantes, aliás, o local é administrado por dois deles, um cubano ao caixa e uma venezuelana no atendimento, apesar do dono ser brasileiro; é muito difícil vê-lo no estabelecimento.

Um dos pontos que inicialmente me chamou atenção no decorrer desse trajeto foi quem consome esse local, para surpresa não são, em sua maioria, moradores do bairro, há um grande mistura de pessoas de muitos bairros. Igual o “Templo de São Jorge”, analisado anteriormente, essa localidade também se apresenta com um expressivo fluxo de pessoas de fora do bairro.

Um fato que ajuda na compreensão desse fato é sua localização: a Avenida Manoel Felipe faz ligações com vários bairros, a saber: Cambará, Pintolândia, Senador Hélio Campos, Santa Luzia e Cidadão. Por ser uma fácil via de acesso a outros bairros, muitos acabam parando no bar por estar no “caminho de casa”.

O segundo é devido moradores daqui usarem o ambiente para confraternizar com amigos que residem em outros bairros, outro ponto que esclarece um pouco desse fenômeno.

Mas há aqueles que procuram e acessam esse local por questão do valor das bebidas, a cerveja de um litro, a mais consumida por aqui, o famoso “litrão”; custa de seis a sete reais, esse detalhe acaba sendo o fator mais preponderante sobre a vinda da grande maioria para cá como se observou.

Esse espaço não se mostrou como um ambiente para encontros amorosos e sim para distração e conversas entre amigos, há essa possibilidade de conversa por aqui, o som não costuma ser tão alto, exceto quando tem música ao vivo.

Outro ponto que em muito chamou atenção por aqui é que o estabelecimento é repleto de Gays, Lésbicas, Transexuais e Travestis. Houve relatos de agressões físicas entre lésbicas, não por uma questão disputa sobre domínio do local, mas por ciúmes entre cônjuges. É fácil ver muitas daquelas que costumam ter uma postura “masculinizada”, as famosas *sapatão*, como por aqui são chamadas. Algumas pessoas brincam e dizem que por aqui o nome deveria ser “Ponto Gay”.

Independente disso não é de conhecimento situações de preconceitos, aliás, anteriormente as atendentes aqui eram assumidamente homossexuais e não se percebia qualquer problema quanto a isso, a não serem olhares em relação ao susto que as pessoas expressavam quanto a isso, algumas vezes.

As Travestis também são muitas e diferentemente das lésbicas costumam andar em grupo, para tentar compreender mais a fundo essas relações conversei com a Sabrina, apesar de a identificarem como Travesti, não se sente bem à vontade assim e se denomina apenas como mulher, renegando esse estereótipo que corriqueiramente cai sobre si.

A partir desse momento, a Sabrina assumirá um grande protagonismo nesse ponto do ensaio. Ela atualmente, 2018, é Vice-Presidente da associação LGBTQI+ de Roraima, possui um cargo comissionado que lhe permite acesso às penitenciárias e locais diversos realizando palestras de educação sexual a esse público.

Recentemente ela concorreu às eleições estaduais pelo partido Rede Sustentabilidade, na qual acabou conseguindo ir para as urnas com o seu nome social, eu em especial já conhecia de vista por ser simpatizante das ações do partido ao qual hoje ela é filiada.

Encontrá-la aqui foi uma grande oportunidade de tentar entender esse panorama das *meninas* junto a esse espaço, ela conta que esse local é um ponto de encontro que ela visita com frequência junto com suas colegas para fugir da louca rotina do dia-a-dia.

Ela é moradora do bairro há mais de dez anos e acredita que não somente o “Ponto do Gole” como o bairro em si é um espaço de muito trânsito para moradores de outros bairros.

Segundo ela, nunca encontrou na distribuidora e nem na sua vivência junto ao Asa Branca, atitudes que remetessem a um preconceito por sua condição sexual. Sabrina acredita que uma relação saudável entre as pessoas começa pela base do respeito, que mediante isso se cria uma relação profícua em que as pessoas com o tempo começam a vê-la como “alguém além de uma simples Travesti”.

Ela não vê isso como uma fase fácil de ser ultrapassada, é preciso paciência e não cair no ciclo de provocações e piadinhas, não as rebatendo na “mesma moeda”, mas usar a cordialidade, educação e respeito em troca.

O que a Sabrina acaba, no meu entender, relatando é sobre a boa reputação que precisa ser solidificada em fortes bases em relação a sua pessoa, uma vez que, a sua condição sexual, muitas vezes, está à frente da sua pessoa e que não há primeiras impressões sobre seu comportamento, pois, ser Travesti já está à frente de quaisquer outras, na maioria dos casos.

Portanto, a cidade e suas ramificações devem ser compreendidas não como um arranjo de locais fixos, mas como uma confluência de relacionamentos que são constantemente rearticulados.

As cidades são espaços em constante processo, então devemos direcionar a atenção para compreender as configurações urbanas de práticas, ideias e estratégias de inserção nos espaços. (SAMPAIO, 2017).

Lefebvre, teórico Francês, tem ajudado a compreender fortemente essas prerrogativas sobre o espaço urbano, pressupõe que a cidade é produzida e que não existe em si mesma, considerando que em tempo algum pode ser levada como ponto inicial de uma prerrogativa epistemológica, sugerindo uma teoria que compreenda basicamente essa conexão com a realidade social, o que pode ser mais bem compreendido com a fala a seguir:

Espaço (social) é um produto (social). Para entender esta tese fundamental, é necessário, antes de tudo, romper com a concepção generalizada de espaço, imaginado como uma realidade material independente, que existe em “si mesma”. Contra tal visão, Lefebvre, utilizando-se do conceito de produção do espaço, propõe uma teoria que entende o espaço como fundamentalmente atado à realidade social – do que se conclui que o espaço “em si mesmo” jamais pode servir como um ponto de partida epistemológico. O espaço não existe em “si mesmo”. Ele é produzido. (SCHMID, 2012, p. 111)

A essência da teoria de Lefebvre (2006) é que a produção do espaço pode ser segmentada em três proporções ou métodos dialeticamente interligados,

também denominados de “formantes” ou momentos da produção do espaço, duplicadamente conjurados e, da mesma maneira, duplicadamente nomeados. Eles se especificam em relação à tríade: “prática espacial”, “representações do espaço” e “espaços de representação”, já por outro lado, eles se referem ao espaço “percebido”, “vivido” e “concebido”. O que eles significam?

Espaço percebido: o espaço tem um aspecto perceptível que pode ser apreendido por meio dos sentidos. Essa percepção constitui um componente integral de toda prática social.

Espaço concebido: o espaço não pode ser percebido enquanto tal sem ter sido concebido previamente em pensamento.

Espaço vivido: a terceira dimensão da produção do espaço é a experiência vivida do espaço. (SCHMID, 2012, p. 113)

O espaço é como algo que é produzido, não existente em si mesmo, posto que os atores sociais o produzem. “O ponto do Gole” é um local que acaba por solidificar uma configuração social, modificando a si e interagindo com o contexto urbano onde se insere.

No primeiro momento desse percurso etnográfico percebi o bairro como um espaço de fluxos, em que os serviços existentes dentro de sua área são consumidos para além de seus moradores, o que possibilita a estes a possibilidade de estabelecer fortes relações com indivíduos não residentes no bairro.

5.2 A DISTRIBUIDORA PONTO DO GOLE: O REGRESSO

As atividades aqui pelo ponto do gole seguiram sua normalidade, algumas modificações foram feitas no seu funcionamento, como por exemplo, a criação de uma espécie de boate, com jogos de luzes e DJs em dia de sexta feira em detrimento de bandas ao vivo. O vasto quintal cimentado comporta dezenas de mesas onde as pessoas ficam aglomeradas, sendo que o primeiro e o segundo espaços estão sendo pouco utilizados nesses dias.

Muitas pessoas gostam de frequentar aqui nesse dia, uma vez que, além de ser o ponto de partida para o fim de semana, onde muitos podem exagerar no uso de bebidas alcoólicas sem se preocupar com o trabalho no dia posterior, possui um local para aqueles que queiram dançar; também por tocarem músicas antigas, aqui se escuta músicas do grupo baiano “É o Tchan”, pagodes do “Molejo” e até músicas internacionais, os famosos “Flashbacks”, segundo conversas com os usuários.

Nesse contexto, é importante salientar o modelo de lazer amplamente divulgado pelo entretenimento e pelas indústrias da diversão nos meios televisivos, rádios e internet ao expor a figura de um ator ou personalidade da mídia nos comerciais de marcas de cervejas idealizando um mundo paralelo no consumo de tais bebidas.

Esses comerciais tornam esta ou aquela cerveja mais popular ou menos popular, o marketing tem um grande papel na propagação deste ideário nesse tipo de lazer. Aqui no Ponto do Gole, por exemplo, há olhares de reprovação a quem bebe cervejas da marca “Antártica”, seja pelo gosto ruim que alguns afirmam possuir, ou seja, para afirmar que tal pessoa está “lisa”⁹.

Essa cerveja por aqui costuma ser uma das mais baratas, entretanto se nota que mesmo em dificuldades financeiras, há pessoas se dirigem a este ambiente, em muitos momentos, quando tem um “patrão¹⁰”, que está proporcionando a amigos momentos de descontração e lazer

Apesar de não haver um conceito geral plausível sobre o significado, para Dumazedier (1976) o lazer surge e é explicado por contraposição a um conjunto de incumbências e das urgências da vida cotidiana. No entanto, só é exercido e entendido pelos sujeitos que o experienciam no interior de uma dialética do cotidiano da vida, em que esses componentes se conectam reciprocamente fazendo reagir uns acerca do outro. O autor acredita que o lazer não possui definição própria em si.

Já Gaelzer (1985), pressupõe que o lazer se afirma como um momento que os sujeitos detêm para relaxar, em vista a pressão da intensa rotina a que submetem, geralmente a do trabalho, para desfrutar do tempo vago para não se preocupar com qualquer tipo de assunto ou circunstância. Em momentos que as pressões externas a que estão habituados não os alcancem, possuindo assim dado tempo para praticar aquilo que lhe dar prazer. O que não acarreta afirmar que os níveis de lazer entre os indivíduos estão em um mesmo patamar social de acesso a lugares ou espaços.

A estratificação e/ou segregação social separa rendas e pessoas em nosso contexto social. As formas de lazer se distinguem de acordo com a posição social que se tem. O Ponto do Gole fica localizado em um bairro afastado do centro da cidade de Boa Vista/RR que, segundo o censo do IBGE (2010), possui 5.256

⁹ Sem dinheiro e/ou com dificuldades financeiras.

¹⁰ Amigo ou conhecido que está pagando as bebidas.

habitantes com uma renda média mensal baixa, portanto os valores dos produtos devem ser “mais em conta” pensando no perfil econômico dessa da região.

Magnani (2002) detalha sobre uma dinâmica urbana que pode ser pensada saindo de um *olhar de fora e de longe* para um de *perto e de dentro* por intermédio da etnografia e não somente por análises de ordem quantitativa.

A antropologia pode ser pensada como “a maneira de pensar quando o objeto é ‘outro’ e que exige nossa própria transformação. Assim, também viramos etnólogos de nossa própria sociedade, se tomarmos distância com relação a ela”. (MAGNANI, 2002, apud MERLEAUPONTY 1984, p. 199-200)

Magnani (2002) defende a perspectiva de que um modo de se desenvolver a etnografia em que são trabalhadas as *especificidades do conhecimento*, posto que, possibilita absorver peculiaridades que provavelmente iriam passar despercebidas em análises de grandes números e macroestruturas. Onde esse *olhar de perto e por dentro* vivenciado junto a determinados sujeitos atinge o pesquisador fazendo-o compreender a significabilidade imbricada nos arranjos dos indivíduos pesquisados.

Uma simples técnica nesse processo etnográfico, mas que é carregada de grande importância, segundo o autor, é acompanhar alguns dos sujeitos em suas rotinas diárias onde acabam por se revelar um caminho significativo onde se pode compreender sobre o lazer, as práticas religiosas e a do trabalho, por exemplo.

Tem sido um desafio conversar com as pessoas por aqui durante o dia de sexta e sábado, os dias de maior concentração, uma vez que, em dias da semana as movimentações por aqui não são muito intensas, além de não funcionar em dia de segunda-feira. Devido ao grande número de pessoas há aparelhos de sons tocando nos dois lados, na calçada da entrada e aos fundos, o que inviabiliza conversas mais longas e detalhadas.

Observando como as pessoas por aqui conversam, percebi o uso de expressões bem chulas nas conversas, como: “viado”, “corno”, “quenga”, “vagabunda”, “puta safada” e como o uso dessas palavras não remetia a algo ruim no diálogo que se estabeleciam, fui presenciando essa peculiaridade e notei a naturalidade dada aos termos. Pensando nisso vem à compreensão sobre brincadeira:

A relação de brincadeira é uma combinação singular entre cordialidade e antagonismo. O comportamento é um comportamento que, em qualquer outro contexto social, expressaria e provocaria certas hostilidades, mas este comportamento não é suposto ser levado a sério e, na realidade, não é levado a sério. Existe uma pretensa hostilidade e uma verdadeira cordialidade; por outras palavras, a relação é uma relação de desrespeito consentido. (BROWN, 1989, p. 134).

Hoje, conversei com Roniel de 26 anos, assumidamente Gay, ele relata que esse local também é percebido como algo familiar, posto que, costuma frequentar, sempre que possível, com amigos não moradores do Asa Branca, apesar de residir no bairro desde a sua infância, percebendo-o como um lugar de sociabilidade entre Gays, Travestis e Transexuais.

Ele acredita que por ser um lugar que proporciona um valor bem acessível às bebidas alcoólicas acaba por atrair muitas pessoas em busca de entretenimento e/ou diversão.

O lugar também é visto como um ambiente bom e agradável, com boas músicas, principalmente as “ao vivo” que em uma ocasião ou outra costumam acontecer.

Durante essas visitas no “Ponto do Gole” descobri que esse local é percebido como uma espécie de “point” não necessariamente de encontro entre Gays, mas de paqueras virtuais.

Acontece que, existe um aplicativo bem conhecido entre o grupo LGBTQI+ voltado para essa população, o Grindr, este não é muito diferente de qualquer outro de paquera, entretanto ele possui uma opção de mostrar o tamanho da proximidade entre os perfis, caso o usuário assim desejar.

Por haver uma grande concentração desses sujeitos por aqui em dias de sexta e sábado, os clientes ao acessarem seus perfis se deparam com muitos próximos um do outro, aqui dentro do ambiente do Ponto do Gole.

Como a maior parcela desses sujeitos procura uma espécie de “sigilo”, eles têm por hábito não colocar foto de rosto nos seus perfis, geralmente só de corpo, então as pessoas ficam paquerando pelo aplicativo e, em muitas ocasiões, ficam querendo descobrir um ao outro, às vezes ele conta que dá para saber quem é. E isso impulsiona ou neutraliza a coragem de ir encontrar e cumprimentar pessoalmente e desenvolver uma “pegação” em um local posterior a este.

Por aqui também há Gays que no decorrer da ingestão de bebidas alcoólicas ficam um pouco mais *atirados* para dançar ou efetuar uma paquera mais direta, mas

isso ocorre em casos isolados. Também, muitos Gays por aqui já trazem uma paquera para socializar nesse ambiente.

Sidney, 29 anos, servidor público, também assumidamente Gay, reafirma tudo o que foi contextualizado por Roniel, sobre o acesso ao lugar ligado ao valor das bebidas, do ambiente agradável e das músicas. Ele o acessa com muita frequência. Sidney atesta não ter presenciado em suas vindas para cá ações que agredissem e, por consequente, inviabilizasse a permanência de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais, acreditando assim, que este local proporciona sociabilidades a esses grupos.

Lázaro, 26 anos, autônomo, é cubano e Bissexual, ele conta que visita esse local em todas as ocasiões possíveis para fugir da rotina diária de trabalho, apesar da nacionalidade estrangeira ele já fala com proficiência o português e acredita que aqui é um lugar de sociabilidade para todos os públicos, inclusive a população LGBTQ+. Vê os frequentadores como pessoas simpáticas que estão em busca de socializar e se divertir, diferentemente de outros lugares que muitas vezes ocorrem confusões generalizadas.

Até mesmo sobre a sua nacionalidade diz que nunca conseguiu presenciar algum tipo de preconceito e percebe os brasileiros como pessoas boas das quais alguns estrangeiros costumam se aproveitar.

Apesar das dificuldades iniciais de entrosamento com os consumidores, à medida que consegui vencer a barreira do som alto, os diálogos foram se tornando empolgantes. As pessoas por aqui estão muito dispostas ao entretenimento em beber muito, ou “encher a cara” como alguns costumam afirmar.

Alguns se divertem e promovem diversão com algumas danças exóticas. A rotina diária não costuma ser um tema tão presente nas conversas das mesas de bar por aqui, algo interessante em se perceber é como se cria de forma rápida uma relação de amizade, em que as afinidades se acentuam de forma instantânea, onde já são trabalhadas futuras possibilidades de encontros semelhantes.

Os outros sujeitos que não se identificam como pertencente à população LGBTQI+ não demonstram incômodo com a presença desses indivíduos, pelo contrário, em algumas mesas é possível ver uma mistura entre os gêneros.

Regressando hoje, ao Ponto do Gole, para minha surpresa, o local sofreu uma reforma, está com uma pintura mais forte, percebido como uma forma de destacar melhor a distribuidora.

Devido a uma crise financeira que tem enfrentado o comércio em Boa Vista/RR, o movimento tem diminuído consideravelmente por aqui, em relação ao ano de 2018 e até a metade desde ano de 2019, anteriormente se usava os três espaços em dia de sexta-feira, quando ocorrem os shows de músicas ao vivo. Entretanto, agora, tem sido usado com mais frequência apenas o primeiro.

A banda fica de frente para as mesas dos consumidores na calçada da Avenida Manoel Felipe, todos que passam por aqui percebem a aglomeração de pessoas e as músicas, se trata de uma forma de atrair mais consumidores ao lugar.

Pude conversar, hoje, com outro usuário, que preferiu não se identificar, e, mediante as conversas descobri que possui fortes ligações com a espiritualidade, sua mãe e ele já frequentaram muitas vezes o Templo de Umbanda São Jorge, devido à proximidade de sua casa com o local.

Ele é Gay, chegou a ser casado com um Babalorixá¹¹ por algum tempo, afirma já ter tido algumas decepções com algumas pessoas em que a falta de seriedade com questões relativas à espiritualidade, com o tempo se acentuaram, tanto no Candomblé quanto na Umbanda. Hoje se considera um espírita Kardecista que, em sua visão, preenche melhor as lacunas sobre suas crenças religiosas e a significância agregadora que buscava a sua vida.

Ele afirma vim para se distrair, passar o tempo e se entreter, considera aqui, o Ponto do Gole, como um local de sociabilidade, posto que, é comum presenciar a população LGBTQI+. Acredita igualmente como os demais que os valores baixos das bebidas tornam esse lugar mais atrativo a todos os públicos.

O atual dono do Ponto do Gole não é proprietário do imóvel onde se localiza a distribuidora, é um inquilino que paga R\$ 1.600,00 pelo aluguel mensal, entretanto tem tentado vender todos os equipamentos utilizados para o funcionamento do ponto comercial, e posteriormente, passá-lo para outro locatário por motivos exteriores.

O ponto do gole, portanto é uma configuração de ápices de sociabilidade a Gays, Travestis e Transexuais que permite a esses usuários fugir de laços

¹¹ Responsável pelo culto aos orixás no Candomblé; Pai de Santo.

específicos da vida real, em nome de um mero entretenimento em que viabiliza um prazer nessas relações mútuas acometidas por aqui, conforme descrito em Simmel (2006).

Lembram da Sabrina e sobre o seu protagonismo? Pois bem, ele não se limitou apenas as conversas, aqui, no ponto do gole. Ela intermediou outra grande experiência. Atualmente, com a chegada de migrantes venezuelanos aumentaram a oferta de mão de obra em seus mais variados aspectos, um deles é a prostituição, o que acabou por aumentar o fluxo de trabalhadores e consumidores desse ramo no Asa branca, o que anteriormente quase não se era notado. A atuação da Sabrina se dará nas relações de contato com essas *meninas* Transexuais/Travestis que trabalham como profissionais do sexo no bairro.

6. OS PONTOS DE PROSTITUIÇÃO DE TRAVESTIS/TRANSEXUAIS NOBAIRRO ASA BRANCA

6.1 A PRIMEIRA ENTRADA COM SABRINA.

Hoje estamos no vigésimo primeiro dia do mês de novembro de 2018, já são mais de meia noite e estamos regressando, Sabrina e eu, do campo de pesquisa das Transexuais/Travestis que trabalham com prostituição no bairro, aproveito este momento para discorrer sobre os acontecimentos para atestar aqui o misto de sentimentos causados durante esse percurso.

As profissionais do sexo trabalham no perímetro do bairro na Avenida Ataíde Teive e na Rua José Aleixo, que fica localizada por trás desta. Todas estas que trabalham por aqui são Venezuelanas.

Jovens, atraentes que, em sua maioria, desenvolviam atividades de cabeleireira em seu país de origem. As que trabalham por aqui moram pelas redondezas do bairro, mas nem todas que são residentes desta localidade desenvolvem suas atividades junto ao seu bairro, como se pode constatar.

O caminho etnográfico seguiu por vários bairros em que muitas delas trabalham pela extensa Avenida Ataíde Teive, a saber: Asa Branca, Burity, Cambará e Silvio Leite.

Algumas delas a Sabrina já conhece por desenvolver ações voluntárias junto a elas, como entregas de preservativos, parte das ações realizadas pela associação da qual faz parte.

A primeira que abordamos foi a Stephany, de 23 anos que chegou recentemente na cidade, e é moradora do bairro Asa Branca, trabalhava como profissional da beleza na Venezuela e assim como quase todas as *meninas* entrevistadas ajudam a manter sua família em seu país.

Ela estava na Rua José Aleixo, em uma esquina pouco iluminada e com pouquíssimo movimento, sentada em uma espécie de toco, aquela cena me intrigou muito, pelo perigo eminente. Apesar dos riscos, ela confessa o medo de estar naquele lugar e situação.

Relata sobre as dificuldades em ser uma mulher Trans, da dificuldade de acesso a oportunidades para exercer atividades menos perigosas e mais realizadoras em sua vida, seu semblante era muito triste. Durante nossa conversa ela mantém os olhos atentos ao movimento da rua, acena para os que passam na

tentativa de conseguir clientes, segundo ela quase todos possuem casamentos heterossexuais.

Avançando para a Avenida Ataide Teive encontramos outra *menina* de 36 anos, a Xandal, com roupas muito atraentes, bem maquiada e extremamente simpática. Algo interessante é que o ponto no qual ela está localizada já pertence ao perímetro do bairro Buritis, mas é moradora do Asa Branca a mais de um ano, muito comunicativa, se propõe a responder qualquer dúvida sobre a rotina noturna nesse lugar.

Ela conta sobre o perigo de trabalhar nesta área devido à ação de pilantras¹² revelando que em muitas vezes acontecem situações em que os clientes não querem pagar, e a profissional se submete por medo de sofrer alguma agressão física.

Ela chegou a desenvolver atividades em salão de beleza aqui em Boa Vista/RR, se diz especialista em tratamentos capilares, entretanto a baixa remuneração a fez optar pela prostituição. Conta que ganhava muito dinheiro em seu país quando esse não estava atolado na crise econômica que o mundo tem acompanhado.

A procura fraca em alguns dias do mês, e como tem de pagar moradia, alimentação e ajudar a família que ainda permanece na Venezuela, faz com que trabalhe em horário oposto, em casa, com os mesmos serviços, atraindo clientes virtualmente, ao qual a tem permitido lucros maiores. Ao indagada sobre o que almeja para o seu futuro, ela é clara: tem o sonho de abrir seu próprio salão, comprar uma casa, um carro e sair desse mundo da prostituição.

A esquina onde Xandal está somente ela atua e possui o domínio sobre o espaço, mas cede a qualquer brasileira que também queira ficar nele, não fazendo o mesmo com venezuelanas, ela afirma estar a muito tempo na localidade e que as amigas de profissão estrangeiras possuem a extensa Avenida Ataide Teive para trabalhar, algo diferente que é percebido sobre o espaço ao qual a Stephany está situada.

A atuação na área onde Xandal está é bem próxima a Escola Girassol e já é conhecida por área de prostituição de Travestis/Transexuais antes da chegada das estrangeiras em Boa Vista.

¹²Indivíduos que vivem realizando crimes

As que estão nas demais áreas no perímetro do Asa branca se encontram por situação forçada, posto que, elas atuavam no perímetro do bairro Caimbé, por detrás da feira do Passarão que possui vários prostibulos e casas de show noturnas, mas a criminalidade, segundo elas, creditadas as Travestis/Transexuais, principalmente roubo, acabaram por culminar na expulsão de todas do local.

Ao perceber essa peculiaridade de *meninas* que trabalham com sexo em outros bairros, mas residentes do bairro Asa Branca, resolvemos seguir, Sabrina e eu, a outros pontos de prostituição bem conhecidos em Boa Vista, como a área próxima à famosa mangueira, ainda na Avenida Ataíde Teive na região do bairro Silvio leite.

Ao chegar lá, encontramos quatro *meninas*, todas brasileiras, duas delas estavam orientando as outras duas que eram menores de idade a não permanecer naquela área, uma vez que, ali não eram aceitas, não por elas, mas pela localidade ser de posse de uma facção criminosa e as que permanecem no local são brutalmente assassinadas.

Uma delas pedia com fervor para que saíssem dali por que senão seriam mortas, como já aconteceu e a própria tinha presenciado o acontecimento ali, a uma *menina* de quinze anos morta a tiro.

Ela estava tentando convencer o mais rápido possível para elas saírem daquele local, aparentemente muito abalada devido ao desespero eminente pela morte de seu marido próximo ao local horas antes.

Muito emocionada, disse que não sabia o que ia fazer e como realizar o funeral, pois, seu companheiro não tinha parente algum aqui na cidade e que somente no outro dia ia atrás de reconhecer o corpo no instituto médico legal.

Todos esses acontecimentos repentinos causaram um choque, as *meninas* saíram rápido dali e foram recomendadas a ir pra casa e não dar atenção a quem tirasse brincadeiras com ela.

Após digerirmos os acontecimentos, acabamos por constatar que elas não eram moradoras do bairro Asa Branca. Foi impactante constar que mesmo com toda essa situação se arriscam a trabalhar num lugar “pertencente” a uma organização criminosa e até ceder uma porcentagem a ela, caso não a ceda são violentadas, como uma delas que afirmou ter passado mais de seis meses para se recuperar totalmente de várias agressões físicas sofridas por ter cometido tal ato.

Resolvemos regressar pela mesma avenida, um pouco mais adiante, quem encontramos? As *meninas* de menor idade em uma esquina fazendo ponto, uma delas chegou a confessar anteriormente que tinha dezesseis anos, aquilo em particular foi outro choque, apenas em ouvir aqueles relatos a sensação de medo se elevou grandemente e a vontade de sair dali o mais rápido possível, ia me consumindo.

Mas a elas não surtiu muito efeito, cheguei a questionar com a Sabrina o porquê daquela insistência em permanecer em um lugar tão perigoso em horas tão avançadas. Foi aí que ela relembrou uma triste realidade: as Travestis/Transexuais muito corriqueiramente são expulsas de casa e são obrigadas a se virar muito cedo recorrendo à prostituição como forma de sobrevivência. Muitas se envolvendo com drogas e traficantes, em muitos casos, morrendo no exercício deste trabalho.

Ao voltar novamente pela avenida ao bairro Asa Branca encontramos mais *meninas* em outros pontos de prostituição, dessa vez conversei com a Alexandra, a sua situação é igual de outras *meninas* por aqui, mas sua história apesar de tão nova é muito impactante, as marcas sobre o corpo e os momentos que já passou são aterrorizantes, ela já foi arrastada pelos cabelos por um carro, carrega marca de tiro pelo braço que lhe gerou deficiência em uma das mãos, quando trabalhava tais atividades sexuais em seu país.

Por isso ela não possui condições físicas de trabalhar em outro ramo e sem muito prazer trabalha nesse há cinco meses em Boa Vista sendo nessa época moradora do Asa Branca.

Ela chegou a afirmar que fazia fisioterapia na Venezuela, entretanto aqui não sabe como conseguir tais serviços, ao passo que, também perdeu todos os seus documentos.

Ela relata o terror que é conviver com marginais a sua redondeza que ficam exigindo uma porcentagem por que se dizem serem donos do espaço e o medo que é seu companheiro nessa rotina, devido ao histórico de violência que já sofreu. Apesar disso, as *meninas* aqui são bem solidarias umas com as outras nesse ponto, todas são bem vindas independente de serem brasileiras ou não.

Contextualizando: não há nenhum *glamour* ou prazer na realização de tais atividades sexuais efetuadas dentro do perímetro do bairro Asa Branca. O que se percebe é uma vida nada fácil: o medo, aflição, extrema necessidade de

sobrevivência estampada no olhar e em cada relato, pessoas que são marginalizadas socialmente por sua condição sexual e pela forma como reafirmam sua identidade.

Em uma sociedade heteronormativa que suprime e banaliza da forma mais pejorativa possível o que foge a essa regra, não é difícil perceber a imagem da Travesti/Transexual como uma chacota em vídeos em redes sociais em que aparecem em delegacias exigindo o pagamento de seus trabalhos, sempre abordados como forma de piada e da sua figura como palhaça.

O que se percebeu aqui, conversando com cada uma delas, sobre sua vida, história, desejos e anseios é que são pessoas extremamente corajosas, onde arriscam sua vida para se manter vivas nesse ciclo vicioso dessa sociedade desregrada. A todas essas *meninas* a minha mais profunda admiração.

Portanto, adentrar em parte desse universo da prostituição, que em suma, é recente ao bairro foi algo muito realizador, posto que, é uma temática a qual desde a graduação me chamava muita atenção e perceber esse fenômeno mesmo que de forma sucinta foi bem gratificante.

A Avenida General Ataíde Teive é precursora como lugar desde tipo de atividade em Boa Vista/RR. Nos relatos com a própria Sabrina, esses locais surgiam através de movimento das Travestis/Transexuais num período de anos para demarcar e consolidar determinado perímetro como área de atividades das profissionais do sexo, algo bem diferente ao que se presencia atualmente no contexto do bairro Asa Branca que está surgindo através de uma exclusão ao acesso de áreas mais consolidadas para o trabalho, no caso a do bairro Caimbé como dito anteriormente, elas acabaram por atuar nessas esquinas por ser a avenida mais próxima a antiga localidade onde desempenhavam tais funções.

É uma tentativa de não perder de vista os antigos e atuais clientes desses prostíbulos. Outro ponto interessante é que aqui, apesar dessa situação que força elas a atuarem nesse local, ele surge novamente como um espaço de fluxo em horário oposto as atividades ocorridas ao bairro, pela madrugada.

Por estar sobre uma avenida muito movimentada durante a noite e pelo fato do sigilo que os clientes preferem por, em sua maioria, serem casados, o que os fazem se dirigir a uma área distante de sua residência para consumir tais serviços, onde provavelmente não achará muitas pessoas conhecidas.

Mesmo sendo recente a atuação dessas *meninas* elas acabam por mudar parte da imagem do Asa Branca. Por ser algo novo que, em muitas vezes, chama atenção dos que transitam pela localidade e acabam por atrair mais consumidores para a região, aumentando o fluxo no bairro.

6.2 O RETORNO COM ALEXANDRA.

O início da segunda etapa etnográfica foi bem instigante, pois a temática de gênero sempre foi algo muito pertinente e atraente desde minha graduação e foi uma grata surpresa este ensaio, em parte, ter se convertido um pouco na direção dessa problemática.

E para mergulhar novamente nas vivências o contato com as interlocutoras que me auxiliaram na etapa anterior era imprescindível, o que gerou certa dificuldade, pois elas não se encontram todos os dias junto ao seu ponto, as suas vastas experiências as permitem saber os dias mais propícios para um bom fluxo de trabalho.

A tarefa de encontrá-las foi um pouco complexa. Como algumas se revezam entre a Avenida Ataíde Teive e a Rua José Aleixo e em outras ocasiões não estão no ponto trabalhando, somado a minha complicada rotina do dia a dia. Foi por acaso mexendo em meus contatos do aparelho celular avistei o contato da Alexandra, que foi salvo a pedido da Sabrina à época que no momento estava sem o seu telefone para poder auxiliá-la futuramente com as atividades da associação a que faz parte.

Dessa maneira ficou mais fácil marcar um horário durante o dia para uma melhor e aprofundada conversa. Não por coincidência a Alexandra reside muito próxima do local onde trabalha, vizinha a outras Travestis/Transexuais, na Ataíde Teive, no Asa Branca, em uma vila de apartamentos.

Elas têm um processo de colaboração e apoio umas às outras muito grande, todas as *meninas* que tive acesso por aqui são de origem venezuelana, pensando no diálogo e com uma grande preocupação em não desvirtuar seus relatos, levei junto a mim, um amigo cubano para auxiliar na conversa.

Ele me ajudou a entender de forma mais detalhada algumas peculiaridades de sua rotina, como por exemplo, o que chama mais atenção nelas aos clientes, posto que, às vezes elas ficam em grupos no ponto. Pode-se imaginar como os

possíveis critérios de escolha: a mais bonita, a mais arrumada, maquiada e jovem, mas isso não se sucede.

Alexandra conta que espantosamente os clientes brasileiros, em sua maioria, colocam em primeiro na necessidade da Transexual/Travesti, o tamanho do pênis, eles chegam ao ponto já perguntando quem é a mais “dotada”, ou seja, quem possui o pênis maior, sem notar muito para aparência.

Esse segundo consta a ela é um dos maiores fetiches dos clientes, uma vez que, eles não se dispõem a outros desejos diferentes e exóticos, no máximo ela já esbarrou em um podólatra¹³, mas fora a isso corre tudo dentro daquilo que ela acredita ser normal, sexo oral simultâneo e às vezes as penetrações também.

Ela costuma também atender em sua casa em horário oposto, é bem ativa no Whassaap e costuma se exibir muito através do “status”, uma ferramenta do aplicativo que possibilita aos usuários mostrar a sua rotina diária.

Mas, geralmente os clientes que predominantemente aparecem pela noite no ponto à leva mais para as pousadas, os seus serviços giram em torno de 50 reais, já ocorreu em algumas situações em que ela teve desentendimento com cliente por não ter conseguido ereção, para a realização do “sexo versátil”¹⁴, e na ocasião o cliente queria pagar apenas vinte reais, o que não foi muito bem aceito, posto que, ele tinha realizado as atividades sexuais com ela.

Um ponto interessante é que as *meninas* que trabalham com esses serviços, usam como arma de argumento, o fato de que elas vão para delegacia denunciar o cliente por não querer pagá-las, por mais que algumas vezes elas nem estejam dispostas a ir, para pressioná-los. Como, em sua maioria, são casados e muitos discretos na realização dessas práticas fogem de todo e qualquer tipo de exposição, elas se aproveitam desse medo para fazer que eles as paguem, em algumas vezes, isso costuma funcionar.

Há muitas situações também que clientes tentam se aproveitar delas por causa de sua origem venezuelana, oferecendo um valor muito baixo como, por exemplo, dez a vinte reais, o que ao menos para Alexandra é abominável e não tendo por hábito ceder a tais propostas.

Anteriormente, no primeiro momento da vivência com elas, uma havia dito que não recebia propostas para sair desse mundo da prostituição, mas a Alexandra

¹³Designação dada às pessoas que sentem um extremo desejo por pés.

¹⁴Relação sexual em que ambos se penetram

conta que já recebeu muitas, de clientes, todavia ela não aceita por que não acredita nelas, ela vê como uma tentativa de tê-la como uma espécie de posse, de domínio, em que ela não pode ficar com mais ninguém, apenas com o cliente que é casado vivendo assim em uma relação conjugal paralela.

Em outros casos, a proposta é para ter um relacionamento fixo, só que alguns desses são por interesse financeiros, geralmente por parte de rapazes de seu país de origem que não tem vida estabilizada aqui e querem alguma pessoa que sirva de *cabide* para conquistar um mínimo de “vida digna”, entretanto suas experiências a fizeram desacreditar da possibilidade de uma relação amorosa saudável.

Sobre o ponto de trabalho, na Avenida General Ataíde Teive, na divisão do bairro Asa Branca com o bairro Caimbé, elas encaram como um lugar familiar por ser o ponto mais perto das redondezas das casas noturnas onde trabalhavam e estavam habituadas.

Para a Alexandra, o bairro surge apenas como oportunidade de trabalho, pois propicia essa possibilidade, diferentemente de outros lugares, como por exemplo, a famosa mangueira também na extensa Ataíde Teive no perímetro do bairro Silvio Leite, uma área consolidada por Transexuais e Travestis brasileiras que não aceitam estrangeiras como ela por lá.

Apesar desse atual local de trabalho ser repleto de periculosidades, algumas vezes ocorre que algumas delas se envolvem em furtos junto aos clientes e como estão em grupo todas acabam por sofrer represálias, a título de exemplo, situações em que o cliente retorna e quer atropelar todas e cada uma tem de sair correndo para um lado.

Elas não possuem uma liderança que afaste essas que causam muitos transtornos, questionei várias vezes a Alexandra o porquê disso, mas ela diz que nenhuma se dispõe a tomar a frente, o que algumas tem feito é se unir para se defender, como utilizar um vidro com amoníaco que joga aos olhos de quem queira agredi-las de alguma forma.

No caso, Alexandra, tenta apenas não ficar muito junto ao grupo com as demais, elas encaram esse lugar como público em que todos possuem os mesmos direitos e por isso não criam um esquema hierarquizado, de que uma pessoa pode e a outra não pode ficar no local, de alguma forma elas se vêem no mesmo *barco* e procuram ser solidárias umas com as outras.

Devido minha rotina, algumas vezes, as mídias sociais tem sido uma ferramenta que uso com frequência para acompanhar a rotina dela, mantemos mais contato, dividimos felicitações em datas especiais, conselhos, palavras de conforto nos momentos difíceis que são encarados por ela.

A saudade de familiares que ainda vivem na Venezuela é algo que causa muita solidão em alguns momentos, a impossibilidade de proporcionar uma vida melhor a sua mãe nessa cidade, Boa Vista/RR, a deixa muito vulnerável, sentimentalmente.

Bem como, em situações que ocasionam medo, como o caso em específico do assassinato recente de Sandriely Vasconcelos de vinte quatro anos, uma Travesti encontrada morta, com pés e mãos amarradas, com um profundo corte no pescoço e com parte do corpo queimado, no dia 06 de abril deste ano, em uma região de lavrado, apesar das investigações, não se chegou a uma exata conclusão do que teria motivo desse crime tão repleto de requintes de crueldade.

Essa situação causou muita perplexidade às *meninas* que trabalham por aqui, uma vez que, Sandriely também trabalhava, até onde consta como garota de programa. Durante a iminência do caso elas evitaram ficar nos pontos de trabalho, e eu, particularmente, conversei muito com Alexandra para esperar um pouco “a poeira baixar”, como criar algumas medidas de precaução durante o exercício de suas atividades sexuais noturnas.

Ela já estava ciente sobre isso, como ao longo do tempo vem se distanciando de tais funções, e começou a atender com mais frequência em sua casa, hoje, ela alugou outra casa bem maior que proporciona mais conforto e discrição de suas atividades a seus clientes, em outro bairro da zona oeste, o Jardim Caranã.

Durante a realização dessa segunda parte, fui à busca de novas descobertas em campo, nos locais de trabalho tentei novamente encontrar antigas interlocutoras, em uma tentativa frustrada.

O movimento por aqui hoje não está muito intenso como das outras vezes, se nota poucas *meninas* em ponto de trabalho, como a capital, Boa Vista/RR, não se trata de uma metrópole em épocas de grandes festas a cidade fica um pouco calma, exceto no lugar das festividades.

E, hoje ocorre um show de um artista de prestígio nacional, já sabendo dessas particularidades poucas delas saem para trabalhar, mas, a Alexandra estava no ponto da José Aleixo, em um vestido “tubinho” rosa choque bem curto e sensual.

Foi uma surpresa para nós nosso encontro, por que ela já havia me dito que estava trabalhando mais em casa, acontece que ela continua trabalhando no perímetro do bairro Asa Branca nos finais de semana, posto que, o grande fluxo que a região recebe das casas de shows muito próximas proporciona mais clientes e, posteriormente mais rentabilidade. Ela estava sozinha, esse ponto não costuma ser muito iluminado.

Conversamos sobre a rotina, a vida e muitas outras coisas, ela disse que estava hoje nesse perímetro e não na Avenida Ataíde Teive como de costume, por que essa área apesar de ser uma rua é uma boa via de escoamento de quem sai de uma casa de show bem próxima, na Avenida dos Imigrantes, o recanto sertanejo, conhecido popularmente por aqui como “inferninho”.¹⁵

Falamos sobre o perigo por não ser uma área bem iluminada e movimentada como a Ataíde Teive, apesar disso, ela relatou que ainda é uma boa possibilidade de trabalho, ela estava com uma bolsa preta um pouco maior das que costuma usar, o que chamou atenção, pensando nisso conversamos sobre os pertences pessoais para que ela evitasse perder alguns importantes, como por exemplo, o celular, Alexandra é bem cautelosa e contou que não anda com “coisas de valor”, deixando o aparelho dela na casa de uma amiga que mora próximo.

Após o retorno de suas atividades, ela pega seu celular e solicita um motorista por um aplicativo para levar em casa com maior segurança. Como se trata do seu local de trabalho e por perceber que alguns carros queriam parar para conversar com ela, o melhor é se afastar para não atrapalhar suas atividades.

Aliás, essa é uma das maiores dificuldades em campo com essas profissionais que atuam com esses serviços por aqui, nesse momento de trabalho, não posso ocupar muito seu tempo, em algumas vezes é questão de minutos que se regressa para iniciar um contato com elas já não as encontro.

E permanecer no ponto com elas impossibilita a aproximação do cliente que, em muitas vezes, já rodeia várias vezes as quadras da rua em busca de um momento discreto para chegar junto a elas e saírem rapidamente.

¹⁵ Pelos moradores afirmarem que o local é repleto de “pessoas feias”, similar a um inferno.

Já é chegada à estação de inverno que costuma ser muito rigorosa devida nossa localização geográfica, trazendo com ela muitas chuvas e ventos, como as *meninas* ficam ao ar livre é complicado para elas ficarem expostas neste clima, durante esses dias têm surgido algumas dificuldades para serem localizadas nos pontos.

A maior concentração delas ocorre nos finais de semana, hoje, sábado, houve o regresso ao campo. Estão presentes cinco Transexuais, à medida que aproximei todas elas voltaram atenção a mim, pensando que poderia ser um possível cliente, exceto a Alexandra que se encontrava junto a elas.

Depois foi explicado de quem se tratava, pude hoje conhecer a Mávea, outra Transexual venezuelana, aliás, não foi perceptível que alguma delas pudesse ser brasileira. Mávea, logo se apresentou, é muito simpática e me deu bastante atenção, ao saber deste ensaio logo se ofereceu a ajudar no que ela pudesse, conversamos sobre alguns aspectos da localidade.

Ela, assim como as demais estava muito sensual em uma calça jeans com lycra e o zíper um pouco aberto, tem um corpo escultural e é muito gentil. Segundo ela, a localidade que elas estão na Ataíde Teive, é um pouco perigosa, devido à ação de “pilantras” que volta e meia ficam as assediando querendo um dinheiro pela permanência no local.

Hoje elas estão muito agitadas, por ainda não estar muito tarde e o fluxo de carros serem muito intenso, elas acenam e correm a qualquer indicio de que o motorista irá parar o carro, juntando com o seu português limitado, atrapalhou o nosso diálogo em alguns momentos.

Em dado momento dessa correria que é por aqui, um carro para ao outro lado da avenida e gradativamente quatro das cinco correram para lá em busca de concretizar a realização de seus serviços, não muito tempo depois todas voltam e falam que o homem estava muito “doido” e bêbado e que não tinha ocorrido sequer uma negociação para fazer o serviço.

Alexandra, como dito antes está entre as *meninas*, diferente da outra vez, ela está nesse outro perímetro com uma saia rodada preta bem curta que cobre apenas a metade das nádegas, todas ficam direcionadas de frente para a avenida e vez ou outra, Alexandra, se posiciona em uma posição conhecida popularmente, como “de

quatro” para aparecer todo o bumbum para os motoristas que passam na tentativa de atrair clientes.

Hoje, não foi muito fácil conversar com todas, por que como já foi mencionado antes, elas estão trabalhando, logo toda a atenção é necessária ao fluxo da avenida, posto que, a elas essa ocupação geralmente é a sua única opção de renda.

Elas se preocupam também em faturar alguma coisa antes da chuva que nesses dias costumam se apresentar com certa frequência, que é o caso de hoje por que, caso contrário, elas terão de ficar debaixo de fachadas de lojas tentando se proteger ao menos da chuva, já que do frio não é possível por necessitarem se vestir com roupas muito curtas para chamar atenção dos consumidores de seus serviços.

De certa maneira, o convívio aqui nessa rotina movimentada acaba por torná-las mais astutas, perceptivas e ágeis, em outras ocasiões não se apresentou tais percepções devidas às datas e horários que estavam sendo presenciadas suas atividades.

Hoje, 06 de junho, foi um dia muito triste para mim e respectivamente a esse ensaio, a Alexandra, uma das minhas *grandes* interlocutoras sofreu uma grande perda, ela foi furtada e estar muito abalada com tudo.

Ela veio para o Brasil como as demais Transexuais e Travestis fugindo da crise econômica que se encontra seu país, a Venezuela. Entretanto, a Alexandra possuía um grande sonho, realizar uma cirurgia de prótese mamaria, pois, a sua é derivada de uso constante de hormônios femininos.

Para tal, há algum tempo ela fazia economias para arrecadar o valor necessário para pagar a cirurgia e uma de suas amigas, de infância por sinal, com quem dividia moradia, sabia onde ela guardava esse dinheiro; por esses dias ela desapareceu com o montante que estava juntando, cerca de 1.200 dólares, conversamos sobre o ocorrido e Alexandra se mostrou muito abalada e frustrada, segundo ela não foi apenas o dinheiro que foi furtado, mas um de seus grandes sonhos.

Devido a isso ela resolveu voltar para a Venezuela e a sua família da qual sente muitas saudades por estar sozinha em Boa Vista. É uma grande perda, todavia resolvi apoiá-la e incentivá-la em buscas de melhores oportunidades para sua vida.

Apesar da perda, o percurso etnográfico continuou em curso, entretanto, foi sendo percebido ao longo de idas e vindas ao campo que o ponto na Avenida Ataíde Teive que fica na esquina da Caixa Econômica Federal foi se esvaziando, e as poucas que trabalham estavam ficando mais concentradas na esquina da Rua José Aleixo.

Além disso, as profissionais que estão por aqui são novatas e há um intenso fluxo delas, pelo fato de estarem recém chegadas à cidade, elas não conseguem compreender muito bem minha presença no local, quando não, elas pensam que é mentira e que estou é em buscar de realizar atividades sexuais quando procuro por determinada pessoa, ficam a se insinuar e fazendo caricias para “substituir” a falta da outra.

Inclusive cheguei a levar um amigo, também estrangeiro para intermediar o diálogo, mas como chegávamos de motocicleta elas já corriam com medo de ser algum ladrão ou que fosse fazer algum ato de violência com elas.

Pensando em tentar entender o porquê do fenômeno, me encontrei com a Alexandra novamente, agora, em sua nova casa, uma vez que, no dia de hoje ela é uma das *meninas* mais antigas que realiza tais atividades na Ataíde Teive.

Ela ainda está resolvendo alguns problemas para poder efetivar seu regresso a Venezuela, devido sua rotina muito intensa, esbarrei em várias dificuldades para realizar outro encontro.

Quando conseguimos nos encontrar, foi compreendida a série de desencontros, o vazio nas intermediações da avenida se deve a um grotesco ato de violência com uma das profissionais ocorrido durante os intervalos de minhas idas ao local.

Alexandra conta que o lugar já estava ficando muito perigoso a partir da chegada de várias Transexuais que vieram de uma mesma cidade da Venezuela, El Tigre, pois, elas estavam orquestrando vários atos criminosos com os clientes.

Elas aproveitavam o momento do ato sexual para roubá-los e algumas delas chegavam até mesmo a jogar uma substância química nos olhos para deixá-los temporariamente sem enxergar, ela diz que não sabe do que se trata o produto, acredita que não seja ácido e supõe que seja amoníaco.

Devido a tais atitudes a localidade começou a ficar mal vista e algumas começaram a se distanciar desse grupo, inclusive a Alexandra, no entanto, apesar

de se distanciar não ficou imune para presenciar cenas de terror. Em dada noite, ela se encontrava com uma amiga também recém chegada da Venezuela, horas antes inclusive, a Alexandra, estava em sua casa se arrumando para irem trabalhar no ponto, essa sua amiga resolveu colocar um aplique de cabelo loiro e, posteriormente, foram trabalhar.

No decorrer da noite, chegou um sujeito em uma motocicleta nitidamente alterado, aparentando está sobre efeito de drogas ilícitas e se direcionou onde Alexandra estava com sua amiga, ele olhou para ela disse que não se tratava dela e ao olhar para sua companheira começou a questioná-la sobre o seu celular que ela teria roubado, a profissional pouco entendia o diálogo, no entanto, como Alexandra agora já fala com mais facilidade a língua portuguesa tentou explicar que ela era nova no local e que não tinha nenhum aparelho telefônico.

Em vão, o homem indicou estar com uma arma de fogo, no momento a Alexandra avisou a colega para correr para um lado e foi para o outro, infelizmente, o homem não identificado conseguiu efetuar dois disparos na boca da *menina* quebrando parte do seu maxilar.

No momento, Alexandra pensou que não tivesse acontecido nada com ela, mas quando se deparou à amiga estava toda ensanguentada, ela ajudou no socorro, foi encaminhada ao hospital e lá permanece internada até o dia de hoje.

Alexandra conta que ficou horrorizada, por que já carrega marcas de tiros pelo corpo e que ficou muito triste, por que acredita com muita veemência que sua colega nada tinha a ver com a situação e que foi confundida por ter escolhido o pior dia para ter feito mudanças no cabelo para trabalhar.

Surpreendeu-me pelo fato não ter sido noticiado na mídia local, entretanto Alexandra relatou que sua colega teve que omitir a causa do ocorrido, enfatizando que se tratava apenas de um machucado acidental.

Depois do acontecido elas tem evitado trabalhar nessa esquina da Ataide Teive e a Alexandra continua a trabalhar nela em um perímetro um pouco distanciado do ocorrido, mas ainda na área do bairro Asa Branca.

Esses acontecimentos têm feito com que muitas delas que exerciam suas atividades na localidade deixem de trabalhar por aqui e tem motivado a própria Alexandra a fazer como muitas: ir embora de Boa vista/RR.

Muitas trabalham aqui para conseguir condições para se mudarem para grandes cidades como o Recife e São Paulo, por exemplo, em busca de melhores condições de vida e trabalho, o que explica parcialmente a dificuldade de encontrá-las e por abandonar o local por serem vítimas de atos violentos.

Ao exemplo da Mávea que ajudou nesse ensaio e se dispôs a continuar ajudando, mas fui informado que um carro em alta velocidade a atropelou, felizmente não foram ferimentos de grandes proporções por ela ter corrido e conseguido se desviar, após isso Alexandra informou que ela não quis mais ficar trabalhando no ponto.

Apesar desses atos de violência e as circunstâncias do momento, ainda tenho regressado ao lugar em dias e horários em que a Alexandra se faz presente nesse ponto de trabalho, como forma de facilitar meu acesso as outras *meninas*.

Tenho evitado me identificar agora como alguém que está estudando, por que isso tem se mostrado como algo que inviabiliza em partes obter o conhecimento de muitas peculiaridades e/ou curiosidades a fundo, portanto, abordarei parte desses diálogos sem citar nomes.

Pelo meu primeiro contato com a Alexandra ter sido com a Sabrina, hoje já a atual presidente da ATERR (Associação de Transexuais e Travestis de Roraima), ela sempre fala para as demais colegas de trabalho que sou da “associação de viados” daqui de Boa Vista/RR, já até expliquei a ela algumas vezes que não faço parte da instituição, mas ela sempre se referiu a mim assim e também não possui algum tipo de problema com essa designação e fiquei conhecido dessa maneira por aqui.

A partir do momento que consigo criar um vínculo através dos diálogos me torno de alguma maneira “familiar”, e acabei por entrar em contato com várias particularidades por mim desconhecidas.

Confesso que os momentos que se seguem foram onde minhas curiosidades mais aguçantes foram sanadas, conhecendo alguns clientes, estes não os conheci pessoalmente e sim por imagens de perfis de Whatsaap, por exemplo.

Diferentemente do que pensava, a faixa etária de quem procura os serviços das *meninas* por aqui não se condiciona a homens de meia idade, possuem homens bem jovens, ouvi relatos até de meninos querendo perder a virgindade com Transexuais.

Mas, nem todas se dispõem por temerem problemas com a polícia, existem homens, segundo os diálogos, de bom poder aquisitivo, bonitos, “sarados” e muitos higiênicos também.

Olhei por exemplo conversas de Whatsaap de vários clientes, algumas profissionais trabalham aqui à noite e durante o dia atendem pelo site “Fatal Model” que disponibilizam uma serie de perfis de acompanhantes em todo Brasil, Mulheres, Homens e Transexuais.

Cada usuário (a) o configura como assim desejar, colocando fotos, vídeos, valores, disponibilidade de local e duração de sua atividade sexual, aqueles que assim desejarem os serviços podem acessar o perfil que possui um link direto ao Whatsaap da profissional.

É enviada uma mensagem automática relatando o interesse na pessoa em questão, após isso dão prosseguimento sobre o horário e há aqueles que negociam valores, geralmente os valores delas é R\$ 100,00 à hora, alguns querem pagar apenas RS 50,00 e vi até clientes querendo saber a possibilidade de passar cartão de crédito, como as *meninas* são estrangeiras e não conseguem ter acesso por questões burocráticas a um equipamento desses, não aceitam.

Ao ser a mim explicado sobre o site e como trabalham por essa ferramenta, tive acesso a alguns diálogos delas, de muitos homens casados e de outros aparentemente acima de qualquer suspeitas sobre afinidades sexuais com essas profissionais.

Visualizei até mesmo conversas de homens com a esposa no perfil do aplicativo em questão, o Whatsaap, conversando sobre a noite passada reclamando pelo fato de estar machucado, “rasgado”, mas querendo outra dose, com o devido respeito, achei muito hilárias as conversas do tipo.

São comuns clientes que são homens casados, mas soube de algumas exceções, homens que levam as esposas, até mesmo grávida, para praticar o ato sexual, essa mulher em especial, possuía digamos que um desejo diferente, vontade de ver o marido transando com uma Transexual e mais, filmar muito de perto como ocorriam às penetrações.

Já em outros casos, o marido leva a esposa para ser penetrada pela Transexual, um fetiche, tem alguns homens que querem levar as *meninas* para fazer sexo a três para transar unicamente com uma mulher, em todas essas situações que

envolvem sexo com mulheres elas não se sentem à vontade, as fazem pelo dinheiro do que por prazer.

Pelas conversas, até mesmo pelo fato de um homem querer apenas ser passivo é algo que as incomodam um pouco, mas como o maior nicho de mercado é esse, acabam por realizar.

Outra coisa que ainda me incomodava era como elas conseguiam trabalhar durante o dia e ainda pela noite praticamente todos os dias, esse “pique” é acreditado pelo uso do hormônio feminino como também de muitas se negarem a ejaculação durante o ato, a não ser em casos em que o homem é muito “dotado”, ou seja, possui um tamanho do pênis um pouco anormal que em muitos casos, segundo constam, ao fazer muito contato com o famoso “Ponto G”¹⁶, proporciona prazer em demorado sendo impossível segurar a ejaculação.

Pelos contatos com os clientes realizados através do site “Fatal Model”, percebo esse ramo de mercado como algo promissor, financeiramente, uma delas contou que das 12hrs às 17hrs tinha conseguido R\$ 240,00 e fora outro cliente que tinha marcado pela noite e também os possíveis que iria conseguir aqui no ponto.

Ainda sobre hormônios, outra peculiaridade que me causou espanto é o conhecimento desses homens sobre essa substância, muitos colocam como regra delas não fazerem uso disso, já questionando se elas usam durante as negociações do programa.

E se souberem que usam não querem realizar o ato sexual, sobre isso vi uma conversa do tipo no WhatsApp de alguma delas e presenciei uma conversando ao telefone com cliente questionando se fazia uso do produto. A rejeição, segundo elas, é que ao usarem não conseguem uma ereção 100% e como eles almejam serem penetrados, em quase todos os casos, não gostam.

A isso correlacionei a grande vontade da Alexandra em colocar silicone nos seios, não apenas para se sentir “mais mulher” como para deixar de aplicar hormônios com muita frequência, uma vez que, muitos clientes querem também que elas tenham um peito bem avantajado para ficar massageando, mas não derivado de substâncias do tipo.

Apesar de ser um procedimento perigoso, esses hormônios para elas, principalmente a Alexandra, são responsáveis em contribuir para a construção da

¹⁶Região entre o ânus e o saco escrotal do órgão sexual masculino.

identidade feminina que desejam, conseguindo transcender algumas características masculinas, o que facilita atrair clientes.

E aqui não é só por uma questão de autoafirmação enquanto mulher, mas da necessidade para as atividades sexuais que exercem. Os homens por aqui são muitos visuais, quer que elas tenham seios e bumbum grande, e claro, o “pênis bem grande e grosso”.

Talvez, se essa não fossem às circunstâncias, elas não teriam tanto anseio para se assimilar o máximo possível à imagem feminina o mais rápido que puderem. Acredito que agora consegui perceber uma singela dimensão da frustração que Alexandra sentiu.

As práticas sociais são as responsáveis pela configuração e reconfiguração das significações e significados dos lugares. Em minhas vivências me deparei com essa realidade, se for pensado esse perímetro entre a Avenida Ataíde Teive e a Rua José Aleixo onde as profissionais exercem suas atividades sexuais atualmente. Há um ano não se percebia que essa configuração social compunha de forma expressiva a parte de um panorama do bairro Asa Branca.

Entretanto, as práticas sociais que vão sendo acometidas com frequência por aqui demonstram por si vários fenômenos, como: o aumento migratório, o mercado da prostituição, a violência e entre outros fatores, antes não avistados em grandes proporções nessa localidade. Os atores sociais modificam não só a configuração do espaço que estão inseridos, como e, nesse caso, as ‘atrizes sociais’ configuram o lugar de atuação.

Antemão as peculiaridades circunstanciadas e vivenciadas nesse local, tentei compreender pelo viés teórico e pela percepção delas as configurações da sociabilidade existente.

Simmel (2006) pressupõe que as necessidades e interesses individuais são capazes de fazer com que pessoas se juntem, esse fenômeno pode ser entendido como uma interação, isto é, uma sociação. Ao falar sobre a sociação, afirma que é a maneira pela qual os sujeitos, em virtude de “interesses – conscientes, inconscientes, movido pela causalidade ou teleologicamente determinados – se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio ao quais esses interesses se realizam”, constituem a essência da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p.60).

Aqui, as profissionais do sexo compartilham um lugar e um mesmo interesse: a necessidade de sobreviver, a atuação nesse mercado informal que, em muitas vezes, é a única fonte de renda. Então todas estão em busca de um interesse em comum, através do uso do seu corpo, conseguir dinheiro para comer, ter onde morar, se vestir e para o lazer. Todas as que eu conversei por aqui não demonstram prazer nas atividades que realizam, muito pelo contrário.

O que não constitui, portanto, esse local como um lugar de sociabilidade a essas pessoas, estas se encontram em um processo de interação e/ou de socialização dentro desse perímetro do bairro Asa Branca.

Elas pouco conhecem, o Ponto do Gole, que é um local repleto de Transexuais, como elas, não sendo um lugar frequentado por essas *meninas*, no máximo já ouviram falar.

Nesse contexto vivenciado durante esse percurso etnográfico com essas profissionais e tentando compreender sua rotina e suas atividades por suas visões, vislumbro um lugar onde as práticas sociais não possuem uma organização hierárquica. Mas, de pessoas que lutam mais por si mesmas compartilhando um desprazer em comum de viverem nessa situação de trabalho, tendo a questão monetária, vista aqui, como o fator ainda preponderante para se submeterem a tais atividades.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste ensaio foi resultado de uma árdua tarefa, no entanto, muito prazerosa devido minha forte identificação com a perspectiva etnográfica. Vivi de forma intensa essa única e grande oportunidade que me possibilitou essa pós-graduação. Apesar de todos os contratempos, idas e vindas frustradas e a minha difícil rotina de trabalho. Ao entrar em contato com tantas realidades, algumas aguçantes, outras tristes, me proporcionaram ao final deste trabalho um grande aprendizado.

As premissas e caminhos construídos foram para mim um grande presente: desenvolver estudos sobre a Umbanda era uma grande vontade ao longo da minha vida acadêmica. Bem como pesquisar questões de gênero fazia parte do projeto inicial quando ingressei no mestrado, porém se tornou totalmente inviabilizado por uma série de fatores.

Ao longo deste ensaio etnográfico procurei fazer uma abordagem a respeito de como se estabelecem as configurações de sociabilidade em certos lugares do bairro Asa Branca, experimentando na prática uma *Etnografia das vivências* que demonstrou como cada conformação se diferencia mesmo estando imersas em um mesmo perímetro urbano.

As primeiras entradas em campo e a contribuição da banca de qualificação me abriram horizontes e me instigou a continuar este estudo na perspectiva etnográfica. Da constatação da presença dos sujeitos Gays, Transexuais, Travestis e Lésbicas nas configurações sociais dos lugares etnografados nasce um link entre os campos de pesquisa da investigação.

Desenvolver um estudo de uma série de experiências dentro do contexto umbandista foi ter a possibilidade de desvendar parte desse universo da religião que traz na sua raiz histórica os princípios humanitários: amor, paz e caridade.

Pressupostos seguidos, como atestam as observações dessas vivências no templo de Umbanda “São Jorge” na ajuda sem um valor monetário específico sobre problemas de alcoolismo, drogas, conselhos e indicações. A partir da visão do médium e como intérprete do momento vivenciado pude compreender pela visão umbandista como é percebida a condição sexual dos sujeitos que se tornaram mais tarde o eixo de análise do ensaio: Gays, Transexuais e Travestis. A aceitação desses indivíduos dentro de casas de Umbanda não se trata de compactuação ou

estímulo para que alguém viva essa condição sexual, mas apenas se trata do exercício prático proveniente do entendimento que todos somos iguais, independentemente de cor, sexo, raça e/ou etnia. E sobre como se estabelece esse local como uma configuração de sociabilidade.

Apesar de os migrantes atuarem de forma veemente nas duas outras configurações, aqui no templo, se fazem presentes, na maioria dos casos, em grandes festas, como de Exu. Sinto que de alguma maneira eles, os venezuelanos, possui maiores ligações com o Candomblé do que com a Umbanda.

Em relação à distribuidora “Ponto do Gole”, o boteco, inicialmente estava repleto de dúvidas do que e como se poderia fazer uma abordagem, como primeira possibilidade foi identificado o perfil dos consumidores e de quais bairros esses indivíduos eram provenientes, logo se percebeu que a sua predominância de consumo recaía sobre os não moradores do bairro. No entanto, a forte proeminência de Gays, Transexuais e Travestis fizeram um encaixe com as discussões suscitadas nas outras duas configurações e, daí por diante, compreendê-lo como um possível local de encontro e sociabilidade desses sujeitos se tornou o foco.

Durante esse trajeto houve uma série de dificuldades por se tratar de um lugar em que as pessoas estão em busca do entretenimento, consumindo bebidas alcoólicas e pela altura do som das músicas que dificultavam o diálogo com os frequentadores.

Contudo, a elucidação provocada por Simmel (2006) ajudou a compreender a complexidade da sociabilidade, como algo que momentaneamente propõe um desprendimento da realidade, como em um jogo, em consequência da troca mútua de relações que proporcionam prazer em todas as partes desse processo, o que colaborou assim para perceber como essa conformação se encaixa nessa concepção.

Sobre as *meninas* Transexuais e Travestis que trabalham com prostituição no perímetro da Avenida Ataíde Teive, no bairro Asa Branca, foi muito proveitoso retornar e intensificar o estudo com elas, porque se trata de pessoas muito corajosas e autênticas que submetem atrás da exploração sexual do corpo a uma série de perigos, em muitos momentos, colocando a própria vida em risco. Todas as meninas que pude conversar, nenhuma chegou a demonstrar alguma realização em praticar

tais atividades noturnas, assim sendo não vislumbro este como um lugar de sociabilidade a esse público.

Portanto, atestar um enredo das rotinas dessas profissionais é fazer emergir um alerta sobre as monstruosidades sofridas por elas, pela falta de reconhecimento social num país que foi responsável por 40% dos assassinatos de 2.600 transexuais no mundo em dez anos, conforme consta na pesquisa da Associação Européia TransRespect (2017). O Brasil segue líder isolado.

A vida média de uma Transexual é em torno de 35 anos, onde 95% dos Transgêneros recorrem à prostituição como forma de sobrevivência. É importante trazer à tona relatos e vivências desses indivíduos para pelo intermédio da etnografia testificar e contrapor a ideia do universo da prostituição como “vida fácil” ou de pura promiscuidade.

Em minhas vivências que foram em alguns momentos arriscadas durante esse trajeto etnográfico pude reafirmar o que imaginava: não faz sentido algum se submeter aos desejos sexuais de qualquer pessoa, estando vulnerável a qualquer tipo de violência por erros de outras Transexuais ou de tentativa de homicídio por um indivíduo que a confundiu, por um simples querer ou gostar.

O preconceito ao gênero dessas *meninas* inviabiliza o acesso ao mercado de trabalho já tão complicado em tempos de crise econômica que estamos vivendo e, soma-se a isso o preconceito que sofrem devido a sua nacionalidade venezuelana. Poucos lugares dão oportunidade para elas trabalharem, quase sempre em salões de beleza que, em geral, querem explorá-las com remunerações baixíssimas que não são por si suficientes para viver.

Muitas estão submetidas ao mercado do sexo por uma questão de sobrevivência, colocando suas vidas em risco como *moeda de troca* para isso, caindo em ciclos viciosos de drogas e alcoolismo, em alguns casos.

As Transexuais e Travestis necessitam de políticas públicas que trabalhem dentro de nossa sociedade a educação sexual. Para que a visão da prostituição e da identidade de gênero possa ser debatida.

Este ensaio é um lugar para uma explanação sobre elas, trazendo a significabilidade da existência dessas pessoas que são ceifadas pelo preconceito e falta de empatia.

Ao finalizar esse ensaio, percebo que ele discorre para além das configurações sociais de lugares específicos, mas também sobre os campos da vida social de Gays, Transexuais e Travestis: religiosidade, entretenimento e trabalho sexual.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio Lopes. **A dinâmica da Sociabilidade em George Simmel**. In: Contribuciones a las Ciencias Sociales. Julho/2013, Disponível em: <www.eumed.net/rev/cccss/25/georg-simmel.html>. Acessado em: Julho/2019.

BARBOSA, Reinaldo Imbrózio. **Ocupação Humana em Roraima II: uma revisão do equívoco da recente política de desenvolvimento e o crescimento desordenado**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 9 (2): 177-197. Belém, Museu Paraense Emilio Goeldi, 1993.

BARROS, Mariana Leal de; BAIRRÃO, José Francisco Miquel Henrique. **Performances de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de "mulher"?**. Revista dos Estudos Brasileiros. São Paulo, USP, 2015.

BEZERRA, Josué Alencar. **Como definir o bairro?** Revista Geo temas, Pau dos Ferros. Natal, UERN, 2011.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Barcelona, Universidade de Barcelona, 2002.

BROWN, Radclife, A.R. **Estrutura e função nas sociedades primitivas**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999.

CONCEIÇÃO, Cleudimar Araújo. **O surgimento do bairro Asa Branca na década de 1980 em Boa Vista/RR**. Monografia/curso de história. Boa Vista, Universidade Federal de Roraima, 2012.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

FEDORKO, Boglarka; BERREDO, Lukas. **O círculo vicioso da violência: pessoas trans e gênero-diversas, migração e trabalho sexual**. Transrespect versus Transphobia Worldwide TVT, vol.19. Outubro de 2017. Disponível em: <www.transrespect.org>. Acessado em Agosto/2019.

FRUGOLI, Jr. Heitor; ANDRADE, Luciana T.; PEIXOTO, Fernanda A. (orgs). **A cidade e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte/São Paulo: PUC Minas/Edusp, 2006.

GEERTZ Cliford. **A Interpretação das Culturas**. Nova York, LTC, 1989.

GAEZLER, Lenea. **Ensaio à liberdade: uma introdução ao estudo da educação para o tempo livre**. Porto Alegre, Luzzano, 1985.

GIUMBELLI, Emerson. “Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro”, in **SILVA, V. G. (org.) Caminhos da alma: memória afro-brasileira**, São Paulo, Summus, 2002.

BRASIL. CENSO 2010. IBGE. Brasília, IBGE, 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Censo 2010. Acessado em: Julho de 2019.

JUNIOR, Álvaro Banducci; Nascimento, Valdir Aragão. **De Bar em Bar: Notas etnográficas sobre os Bares da Periferia**. Revista de história – jan/jun 2012. Campo Grande, UFMS, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e 79o. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev.2006.

LIMA, José Franco de. **A arte de Registrar Vivências**. Disciplina Antropologia do Corpo. Boa Vista – RR, Universidade Federal de Roraima, 2019.

_____. **Visão panorâmica da migração venezuelana em roraima (brasil) /2019**. Seminário sobre o direito e processo de trabalho sob a perspectiva da imigração, uma questão de igualdade formal realizado em 28. 06.19. Boa Vista, Escola do Tribunal de Justiça, 2019. <<https://escola.trt11.jus.br/index.php/noticia-ejud/2052-vis%C3%A3o-panor%C3%A2mica-da-migra%C3%A7%C3%A3o-venezuelana-em-roraima-brasil-2019.html>> Acessado em agosto/2019.

MAGALHÃES, Maria das Graças S. dias, Carla Monteiro de Souza. **Roraima/Boa Vista - Temas sobre o regional e o local**. Boa Vista - RR, UFRR, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. São Paulo, Revista de Ciências Sociais, junho de 2002.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRS, 2006.

NASCIMENTO; Claudia Helena Campos; FARIAS, Manuela Carvalho; FREITAS, Paulo Ricardo de. **Traços culturais da Paisagem de Boa Vista /RR: O bairro Asa Branca e a contribuição da migração nordestina da década de 1980**. Boa Vista, UFRR, 2014.

PÓVOA-NETO, H. **Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise**. Revista e experimental V.2, 1997, P.11-24. São Paulo, FFLCH/USP, 1997.

SAMPAIO, Jeovane Dos Santos. **Migrações na década de 1980: O bairro Asa Branca**. Monografia/ curso de Ciências Sociais. Boa Vista, UFRR, 2017.

SCHMID, Christian. **A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional**. Revista Espaço e Tempo (Online)/GEOUSP - n. 32, p. 89-109, dec. 2012. ISSN 2179-0892. São Paulo, USP, 2012, Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74284/77927>>. Acesso em: Fev. 2019.

SILVA, Giovanna Helena Teixeira da Cruz. **Corpos tóxicos: Uma etnografia do imaginário e das performatividades de gênero em um terreiro de Umbanda Esotérica de Belo Horizonte (MG)**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belo Horizonte, UFMG, 2017.

SILVA, Paulo Rogério; ALMEIDA, Marcelo Mendes; Rocha, Rafael Alexandre. **As novas Formas do Tecido Urbano de Boa Vista – RORAIMA**. Boa Vista, Acta Geográfica, 2012.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade: Exemplo de sociologia pura ou formal. In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

STANISKI, Adelita; KUNDLATSCH, Cesar Augusto; PIREHWOSKI, Dariane. **O conceito de lugar e suas diferentes abordagens**. Revista Perspectivas Geográficas. Ponta Grossa, Unioeste, 2015.

TUAN, Y – F. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIEF, 1983.

VALE, Ana Lia Farias. **Migração e Multiterritorialidade: Nordestinos em Boa Vista**. In: I Seminário Internacional Sociedade e Fronteira, Boa Vista, 2012. V. 1. P. 69-87.

_____, **Nordeste em Roraima: Migração e Territorialização dos Nordestinos em Boa Vista.** Boa Vista, Ed. UFRR, 2014.

VETTER, David Michael e RZEZINSKI, Henrique Costa. **Políticas de uso do solo: para quem.** Revista de Administração Municipal, Rio de Janeiro, outubro/dezembro, 1979.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **O conceito de vivência (*Erlebnis*) em Nietzsche: gênese, significado e recepção.** Kriterion: Revista de Filosofia. Belo Horizonte, PUCPR, 2015.

ANEXOS

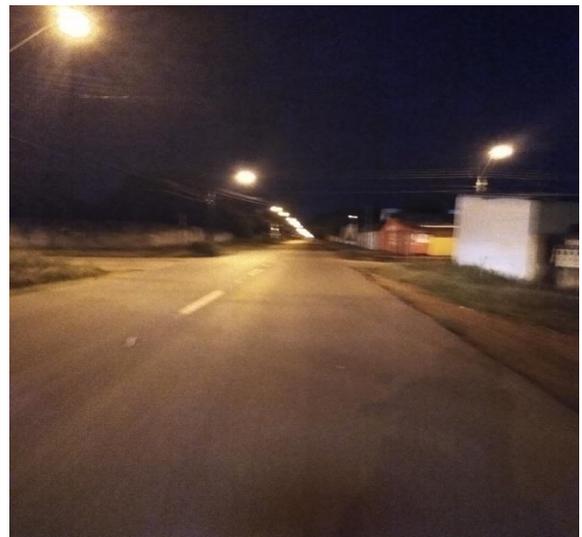
TEMPLO DE UMBANDA



PONTOS DE TRABALHO DAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO ASA BRANCA



AVENIDA GENERAL ATAÍDE TEIVE



RUA JOSÉ ALEIXO